

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E CIÊNCIAS**  
**ECONÔMICAS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

KENNY ROGERS TOLEDO DE FREITAS

**COMPETITIVIDADE NO MERCADO DE CARNE BOVINA: uma comparação a  
partir das exportações do Brasil e da Argentina no período de 2006 a 2013.**

DOURADOS/MS  
2015

KENNY ROGERS TOLEDO DE FREITAS

**COMPETITIVIDADE NO MERCADO DE CARNE BOVINA: uma comparação a partir das exportações do Brasil e da Argentina no período de 2006 a 2013.**

Trabalho de graduação I, apresentado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para Trabalho de Graduação II.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>Jaqueline Severino da Costa

Banca examinadora:

Professor (a): Dr<sup>a</sup>. Soraia Santos da Silva.

Professor (a): Ms. Alexandre de Souza Correia.

DOURADOS/MS  
2015

**COMPETITIVIDADE NO MERCADO DE CARNE BOVINA: uma comparação a partir das exportações do Brasil e da Argentina no período de 2006 a 2013.**

KENNY ROGERS TOLEDO DE FREITAS

Esta monografia faz-se necessária para aprovação na disciplina de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Apresentado à Banca Examinadora, integrada pelos professores:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jaqueline Severino da Costa  
Presidente

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Soraia Santos da Silva  
Avaliador (a)

Prof. Ms. Alexandre de Souza Correia  
Avaliador (b)

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, e também à minha dedicação e esforço durante a minha caminhada nestes anos no curso de Bacharelado em Ciências Econômicas. Em segundo lugar dedico à minha amada esposa Iolita pelo enorme apoio e incentivo. Aos meus pais Célio Rubem e Valnice, por acreditarem e mim e aos meus irmãos César e Kevin que sempre foram meus melhores amigos. Essa dedicação faz por serem as pessoas as quais mais amo*

.

## AGRADECIMENTOS

À Deus por ser meu porto seguro, a minha rocha em quem me sustento, em quem tenho confiado a minha vida, e por seus planos que tem se concretizado em minha vida. Por todas as suas bênçãos que tem derramado e que com certeza, se não fosse da vontade de Deus, nada seria possível. E enquanto viver, louvarei o nome do Senhor, porque nele me regozijo e encontro a paz.

Aos meus pais, que apesar de terem se divorciado quando eu ainda muito jovem, me apoiaram de acordo com o que lhes foi possível, especialmente minha mãe, por ter me criado e dado educação. Ao meu pai, não menos importante, também agradeço pelo apoio, e por ter me acolhido em sua casa aqui em Dourados, fazendo com que fosse possível eu progredir nos meus estudos.

Aos meus irmãos, César e Kevin pela amizade e pela força inspiradora e também porque são exemplos de companheirismo.

À minha amada esposa Iolita, que tem me incentivado a cada dia, pelo respeito, pela dedicação, honestidade, pelos conselhos, pela atenção e compreensão nos momentos difíceis, e mais do que tudo, pelo amor e carinho que me impulsiona na caminhada da vida.

Aos meus amigos e colegas de classe Cléber e Jaylton, por me acompanharem nesta trajetória, e por serem meus poucos e verdadeiros amigos que conquistei durante o período do curso e que pretendo manter a amizade para toda a vida.

À minha orientadora Jaqueline, pela dedicação, extrema competência, clareza, e sinceridade e pelos seus ensinamentos, e por cada palavra de motivação. Muitos são capacitados a ensinar, mas poucos como ela, têm o verdadeiro dom de ensinar.

Aos professores ..... pela honra de tê-los em minha banca da qualificação e defesa, e também pela contribuição que tiveram em minha formação.

E por fim, agradeço também a todos os professores que marcaram a minha história da graduação, Pedro Oliveira, Soraia Santos, Carlos Caldarelli, Adriano Renzi, Juliana Aquino, Caio Chiariello, Alexandre Bandeira, Alexandre Corrêa, Madalena Schindwein, Enrique Romero, Marcio Scherma, que contribuíram muito com seus ensinamentos na sala de aula, atividades, que foram essenciais à minha formação no Bacharelado de Ciências Econômicas, e que são motivo da minha admiração.

A todos vocês, muito obrigado!

*“Com a sabedoria edifica-se a casa, e com inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis; mais poder tem o sábio do que robusto; com medidas de prudência farás guerra; na multidão de conselheiros está a vitória.” (Provérbios 24:3-6).*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a competitividade entre Brasil e Argentina nas exportações de carne bovina no mercado mundial, no período de 2006 a 2013. Como metodologia, utilizou-se o modelo *Constant Market Share*, que consiste na decomposição das fontes de crescimento das exportações. Os resultados mostraram, para o primeiro período de análise (anos de 2006 e 2009) que cresceram as exportações brasileiras para quase todos os países, com exceção da Itália e da Holanda, que direcionaram sua demanda para outros países produtores, devido aos casos de ocorrência de febre aftosa no período. Notou-se que o crescimento efetivo do primeiro período foi amortecido pelo efeito destino das exportações, ou seja, o Brasil exportou para países onde a demanda mundial mostrava-se em crescimento maior do que a importação dos principais importadores da carne bovina brasileira, já a Argentina exportou menos para o Reino Unido, Rússia e Espanha, porém teve crescimento significativo nas exportações para os demais países. O segundo período (anos de 2010 e 2013) indicou um grande crescimento das exportações brasileiras de carne bovina, mas perdeu mercado para a Rússia, pois o crescimento das importações russas foi bem maior que o crescimento da exportação de carne brasileira para os russos. E o Irã importou bem menos devido à diminuição do seu poder de compra, mas o Brasil praticamente manteve a sua parcela de mercado com o Irã. O crescimento do *market share* para outros mercados, principalmente Hong Kong e Venezuela, decorreu do efeito competitividade e do aumento das importações desses países. A Argentina, ao contrário do Brasil, diminuiu as exportações de carne bovina no segundo período devido às barreiras que o próprio país colocou.

**Palavras-chave:** Comércio internacional; carne bovina; constant market share; competitividade.

## **ABSTRACT**

The present study is to analyze the competition between Brazil and Argentina in beef exports in the world market, from 2006 to 2013. The methodology used the model Constant Market Share, which is the breakdown of the sources of growth of exports. The results showed, for the first review period (years of 2006 and 2009), which increased Brazilian exports to almost all countries, except Italy and the Netherlands, which directed their demand for other producing countries, due to cases of occurrence of FMD in the period. It was noted that the effective growth of the first period was cushioned by the target effect of exports, ie, Brazil exported to countries where the global demand showed up in growth greater than the import of the leading importers of Brazilian beef, already Argentina exported less to the United Kingdom, Russia and Spain, but had significant growth in exports to other countries. The second period indicated (years of 2010 and 2013).a large increase in Brazilian beef exports, but lost market for Russia, for the growth of Russian imports was higher than the growth of exports of Brazilian beef to the Russians. And Iran imported much less due to the decrease in their purchasing power, but Brazil practically maintained its market share with Iran. The growth of market share to other markets, especially Hong Kong and Venezuela, was due to the competitiveness effect and increased imports from these countries. Argentina, unlike Brazil, decreased exports of beef in the second period by the barriers which the country itself placed.

**Keywords:** International trade; beef; constant market share;; competitiveness.



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|   |    |
|---|----|
| Figura 01 - Exportações de carne bovina em (U\$ bi) de Brasil e Argentina de 2006 a 2013..... | 24 |
|---|----|

## LISTA DE TABELAS

|                  |  |           |
|------------------|--|-----------|
| <b>Tabela 1.</b> | Produção mundial de carne bovina (TON. CWE) entre 2005 a 2013.....                       | <b>27</b> |
| <b>Tabela 2.</b> | Rebanhos bovinos de Brasil e Argentina (x 1.000 cabeças) entre 2008 a 2012.....          | <b>28</b> |
| <b>Tabela 3.</b> | Consumo interno dos principais consumidores de carne bovina no mundo (em toneladas)..... | <b>28</b> |
| <b>Tabela 4.</b> | Consumo per capita de Brasil e Argentina (kg/pessoa/ano).....                            | <b>29</b> |
| <b>Tabela 5.</b> | Principais importadores de carne brasileira de 2006 e 2009.....                          | <b>30</b> |
| <b>Tabela 6.</b> | Principais importadores de carne argentina de 2006 e 2009.....                           | <b>31</b> |
| <b>Tabela 7.</b> | Principais importadores de carne brasileira de 2010 e 2013.....                          | <b>32</b> |
| <b>Tabela 8.</b> | Principais importadores de carne argentina de 2010 e 2013.....                           | <b>33</b> |
| <b>Tabela 9.</b> | Análise CMS período de 2006 a 2009.....  | <b>35</b> |
| <b>Tabela 10</b> | Análise CMS período de 2010 a 2013.....  | <b>36</b> |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABIEC** – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne

**BSE** – Bovine spongiform encephalopathy (Encefalopatia espongiforme bovina)

**CMS** – Contant Market Share (Quota de Mercado Constant)

**MAPA** – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

**MIDIC** – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

**USDA** – United States Departamento of Agriculture (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos)

|   |    |
|---|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....                                  | 13 |
| 1.1. IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA .....                          | 13 |
| 1.2.1. Objetivo geral .....                                 | 14 |
| 1.2.2. Objetivos específicos .....                          | 14 |
| <b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....                       | 16 |
| 2.1. O COMÉRCIO INTERNACIONAL .....                         | 16 |
| 2.2. MERCADO DE CARNE NO BRASIL E NA ARGENTINA.....         | 19 |
| <b>3. METODOLOGIA</b> .....                                 | 23 |
| 3.1. FONTE DE DADOS .....                                   | 23 |
| 3.2. O MODELO <i>CONSTANT MARKET SHARE</i> .....            | 23 |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....                      | 26 |
| 4.1. O MERCADO DA CARNE .....                               | 26 |
| 4.2 Resultados do modelo <i>Constant Market Share</i> ..... | 33 |
| 4.2.1 Período I – 2006 a 2009.....                          | 33 |
| <b>4.2.2 Período de 2010 a 2013</b> .....                   | 35 |
| <b>5. ANEXO I</b> .....                                     | 37 |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                        | 45 |
| <b>7. REFERÊNCIAS</b> .....                                 | 47 |

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA

O Brasil tem se consolidado no comércio internacional como um grande produtor de alimentos, sendo que boa parte desses alimentos são exportados sob a forma de *commoditie*, particularmente que tem como objetivo atender a crescente demanda mundial.

A produção brasileira tem sido intensificada, e vem apresentando números que apontam para crescimento do setor. Este crescimento da produção tem como base o melhoramento genético dos animais e melhoria no manejo das pastagens, terras disponíveis, condições climáticas favoráveis que contribuiu para ganhos de produtividade observados a cada ano na produção intensiva (FLORINDO, et. al 2014).

A partir de todos os fatores supracitados pode-se observar a partir dos anos 2000 que ocorre uma reformulação da indústria frigorífica nacional, visto que as transformações econômicas ocorridas ainda na década de 1990 (estabilidade econômica, abertura da economia, privatizações, etc.) tornaram o Brasil um dos principais exportadores da proteína animal do mundo (LIMA, 2012).

O crescimento do setor de comércio e indústria da carne bovina poderia ser maior, a partir dos anos 2000, se forças contrárias como a instabilidade de preços, manutenção de subsídios agrícolas por parte dos países desenvolvidos, falta de acordo nas negociações de comércio e crise econômica mundial não atuassem para esse revés neste período (ABIEC, 2013).

Contudo, Lima (2012) adverte que crescimento nas exportações não necessariamente significa ganhos de competitividade no mercado internacional, muito menos permitem ao Brasil manter o status de grande ofertante, embora sejam inegáveis os ganhos econômicos do setor proporcionou ao Brasil.

Assim como o Brasil, a Argentina também tem destaque no comércio mundial de carne como grande produtor e exportador. A Argentina também já ocupou o posto de maior exportador de carne bovina do mundo, por volta dos anos de 1930, e foi o terceiro na última década. Em 2014, parcela que o país vendeu para o exterior caiu mais de dois terços em comparação com a de 2005, quando o governo argentino introduziu políticas para garantir a oferta interna (SPINETTO, 2014).

Contudo, mesmo perdendo mercado a carne argentina tem grande qualidade e ainda mantém seu prestígio no mercado europeu. Ademais, a demanda por este produto na Argentina acontece por mercados exigentes, que procuram carne diferenciada, mas possui

preço de produto para um nicho de mercado. Porém, os países com alto poder aquisitivo vêm diminuindo o consumo de carne, mudando seus hábitos alimentares. Além de que os europeus estão consumindo carne uruguaia depois da restrição de exportação imposta pelo governo argentino. Ao contrário da demanda pela carne brasileira, visto que a vocação do Brasil é produzir em grande quantidade, com boa qualidade e preços mais acessíveis, atendendo a mercados emergentes (VILA, 2011).

Após vários anos de forte crescimento, a economia argentina desacelerou muito no ano de 2012, devido a vários fatores, como a desvalorização da taxa de câmbio real, controles restritivos à importação, o seu impacto negativo das medidas políticas do governo sobre o mercado e sobre o empresariado. As altas taxas de inflação na Argentina entre 2007 a 2012 proporcionou elevado crescimento da taxa de câmbio real, fazendo pesar sobre a economia de tal forma, que resultou na redução também da competitividade nas exportações de uma maneira geral, principalmente sobre o setor de agronegócios e alimentos, sendo o setor, essencial à economia argentina (RABOBANK, 2013)

Na contramão da Argentina, o Brasil tem desenvolvido importante crescimento nas exportações de carne a cada ano, sendo que o principal parceiro comercial brasileiro nos últimos anos é a Rússia, e desde 2006 o Brasil é o principal exportador de carne bovina no mundo (MAPA, 2011).

## 1.2. OBJETIVOS

### 1.2.1. Objetivo geral

Analisar a competitividade do mercado de carne bovina entre Brasil e Argentina.

### 1.2.2. Objetivos específicos

- Contextualizar a importância do mercado de carne para o Brasil;
- Contextualizar a importância do mercado de carne para a Argentina;
- Analisar a importância do mercado exportador de carne bovina do Brasil e Argentina.

### 1.3. JUSTIFICATIVA

A carne bovina é um dos principais alimentos para o brasileiro, e vem sendo cada vez mais consumido no mundo. No cenário atual, o Brasil se encontra entre os principais exportadores de carne bovina do mundo. Por isso o país tem investido na produção, melhoria genética dos animais, alimentação dos animais, tecnologia na produção, enfim, tudo com a finalidade de contribuir para o crescimento na produção e melhoria da qualidade da carne vermelha brasileira.

Contudo, o Brasil tem atendido principalmente a mercados emergentes, oferecendo o produto a preços mais acessíveis a estes. Porém, o nosso vizinho platino, a Argentina, é outro país que sabe produzir carne de qualidade em excelência, e é demandada por países europeus que estão dispostos a pagar por tal mercadoria mais requintada. A qualidade da carne argentina é diferente do Brasil.

Houve tempos em que a Argentina foi o principal fornecedor de carne no mundo, em meados dos anos de 1930.

A produção de carne bovina está inserida no agronegócio e é uma das principais atividades do agronegócio brasileiro (MAPA, 2011). Tendo em vista tal afirmação, e que o Brasil vem crescendo a cada ano no cenário do comércio mundial de carne, o Brasil tem se tornado um país competitivo.

Sendo assim, será apresentada uma análise através do modelo Constant Market Share, mostrando números que dizem sobre o comércio exterior da carne bovina destes dois países, comparando a concorrência dos mesmos.

O motivo da escolha destes dois países, Brasil e Argentina, se devem por terem destaque no cenário internacional. O primeiro vem de expansão anual regular, e possui atualmente a primeira posição no ranking das exportações de carne bovina. O segundo, já ocupou esta posição, porém diminuiu as exportações, mas ainda possui importante demanda devido a qualidade do seu produto, além de serem países vizinhos.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1. O COMÉRCIO INTERNACIONAL

O desenvolvimento do comércio internacional perpassa pela lógica mercantilista. Para eles o desenvolvimento econômico das monarquias se embasa no mercantilismo. Os mercantilistas visavam a acumulação de capitais em metais preciosos, como o ouro e a prata, visto que naquele período mensurava-se a riqueza de um país pela quantidade de metais preciosos acumulados (COUTINHO, 2006).

O pensamento mercantilista vigorou entre os anos de 1450 e 1750. O Estado intervia para alcançar um maior bem-estar da população, e também estimular o comércio e a indústria, pois se via como possibilidade de absorção de mais metais preciosos no país através das exportações (CARVALHO; SILVA, 2007).

Sendo assim, a visão do mercantilismo apontava que os desequilíbrios na balança comercial eram explicados pelas alterações no câmbio. Contudo, para os mercantilistas, o comércio internacional acontecia de forma unilateral e agressiva, pois afirmavam que um país só podia ter ganhos se outro tivesse perdas no comércio, gerando lucros para um e déficit para outro (SILVA, 2009).

Adam Smith fala sobre a teoria do comércio internacional e faz duras críticas aos mercantilistas, pois os mercantilistas não incluíam em suas análises que o comércio poderia gerar benefícios para os dois participantes das trocas. Segundo a teoria de Smith, o comércio não necessariamente implicava em déficit e superávit entre os praticantes do comércio. A síntese de sua ideia de comércio está na teoria das Vantagens Absolutas como o grande alicerce do comércio internacional. Esta teoria argumenta que a utilização de uma quantidade menor de insumo para produzir um bem, pode resultar em uma maior produtividade, pois o custo da produção unitária de determinado bem seria menor, e esse aumento na produção deste dado bem resultaria em vantagem absoluta para um país (CARVALHO; SILVA, 2007).

Sendo assim, os países devem focar-se na produção de bens que lhes tragam vantagens absolutas para si e o que excedente deve ser exportado (COUTINHO, 2006). Contudo, Smith afirmava que para haver o comércio internacional, ambas as partes envolvidas deveriam perceber benefícios gerados por meio do comércio (CARVALHO; SILVA, 2007). A partir desta constatação de Smith, foi possível evoluir nos estudos e teorias sobre o comércio internacional (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010.).



Nesse sentido, David Ricardo avança sobre a teoria de Smith, no início do século XIX, e elabora a teoria das Vantagens Comparativas. Esta teoria explica que poderia haver trocas sem que houvesse vantagens absolutas para os resultados dos países (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010). Ricardo explicou que os ganhos no comércio também eram possíveis aos países que não possuíam vantagens absolutas em relação aos outros. A vantagem comparativa reflete o custo de oportunidade relativa, ou seja, a relação das quantidades de um determinado bem que dois países deixam de produzir para direcionar a produção de outro bem (COUTINHO, 2006).

A teoria ricardiana das Vantagens Comparativas de comércio internacional tem como base a teoria do valor do trabalho. De acordo com este modelo, os custos comparativos são determinados pela produtividade relativa do trabalho. Variações nessa produtividade entre os países adviriam principalmente de diferenças tecnológicas entre eles (GONÇALVES, 1998).

Sendo assim, Ricardo direciona o comércio externo da seguinte forma: os países exportam os bens nos quais possui maior produtividade relativa do trabalho e importam os bens nos quais têm menor produtividade relativa do trabalho (COUTINHO, 2006). Logo, os limites para o estabelecimento da relação de troca são os preços relativos dos bens em cujas produções cada país têm vantagens comparativas (CARVALHO; SILVA, 2007).

A teoria de Heckscher e Ohlin avança sobre a teoria ricardiana por diferenciar o comércio internacional do comércio inter-regional e também por identificar fatores que pressupõem a existência de vantagens comparativas. Para os autores, existem diferenças nos níveis de estoques relativos dos diferentes fatores de produção, que por sua vez influenciam os custos de produção desses bens (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010).

O teorema de Heckscher-Ohlin explica a diferença dos preços relativos das mercadorias entre os países e o padrão de vantagens comparativas. O preço relativo de equilíbrio iguala as quantidades ofertadas e demandadas. As curvas de indiferença nacionais determinam o preço relativo de equilíbrio e as fronteiras de possibilidades de produção determinam as quantidades de cada bem que serão produzidas e consumidas. Estes fatores são fundamentais para haver demanda e oferta de cada país, e assim, consequentemente estabelecem o comércio. Ademais, a especialização que os países possuem na produção dos bens aumenta a disponibilidade total dos bens, fazendo com que seja possível que os consumidores dos dois países que estão inseridos no comércio atinjam o equilíbrio, aumentando seu bem-estar (CARVALHO; SILVA, 2007).

Esta teoria diz que os países se especializam na produção de bens que necessitam de fatores de produção cujos quais são disponibilizados em abundância relativa no país, exportando esses bens e importando outros bens que são produzidos com fatores de produção não são tão disponíveis. Sendo assim, se o país tem o fator trabalho abundante com o custo relativamente baixo, terá uma vantagem comparativa na produção, proporcionando ganhos de comércio (COUTINHO, 2006).

Avançando nas teorias do comércio internacional, sabe-se que os preços relativos dos fatores escassos são maiores do que os preços relativos dos fatores abundantes. Nesse contexto, surge a teoria da Equalização dos Preços dos Fatores de Produção. Esta teoria apresentada por Paul Samuelson utilizou a base de Hecksher-Ohlin, e por isso é conhecido também como Teoria de Hecksher-Ohlin-Samuelson. Segundo esta teoria, o comércio de mercadorias tem o mesmo efeito sobre as taxas de salário e de retorno sobre o capital físico que a mobilidade desses fatores, pois se mantém o modelo de Hecksher-Ohlin e se adiciona a remuneração dos fatores de produção. Este teorema busca explicar a composição dos fluxos de comércio, isto é, o padrão de comércio internacional. A abundância relativa de um fator significa que a utilização dos recursos de um país é relativamente mais adequado para a produção do bem cuja produção seja intensiva no fator mais disponível (CARVALHO; SILVA, 2007).

Outro autor avança sobre as teorias de comércio internacional, Michael Porter em 1985. Ele propõe uma nova abordagem sobre conceito de comércio internacional. Ele contradiz as teorias clássicas e vai além da teoria das vantagens comparativas, e fala em vantagens competitivas dos países. Para Porter, só há um conceito relevante na competitividade nacional, sendo o da produtividade. Sua teoria diz que o Estado é quem motiva as relações de trocas entre as nações, e é o Estado, o qual ele chama de *Diamante Nacional*, que rege as condições de competição. Para a teoria das vantagens competitivas, as condições de mercado e sua estrutura, a existência de empresas e indústrias que apoiam o mercado também é importante assim como os fatores de produção (COUTINHO, 2006).

Porter destaca quatro determinantes que funcionam como uma engrenagem que formam o *Diamante Nacional*. O primeiro determinante refere-se à situação do país nos fatores de produção. A segunda é a demanda interna dos bens produzidos pela indústria. O terceiro determinante é a existência de empresas ou indústrias que atendem a demanda internacional e o quarto determinante é definido pela estrutura e estratégia das empresas.

Contrariamente a Hecksher-Ohlin, Porter acredita na criação de fatores, fato que depende da capacidade das empresas inovarem. Contudo, Porter considera vários fatores de

produção, destacando a importância do conjunto, cuja produtividade determina em quais indústrias um país terá vantagem competitiva (COUTINHO *et. al.*, 2005).

## 2.2. MERCADO DE CARNE NO BRASIL E NA ARGENTINA

No caso brasileiro, o agronegócio corresponde a 23% da atividade econômica do país, e de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior do país, exportações brasileiras (CEPEA, 2014).

Atualmente, segundo Paulillo (2009), os produtos agroindustriais incorporam-se aos produtos agropecuários, cujo valor adicionado cresce cada vez mais, proporciona um aumento das vendas de produtos brasileiros no comércio internacional, assim contribuindo para que aconteçam os superávits comerciais, de fundamental importância para a macroeconomia de um país (BATALHA, 2009).

Nesse contexto, quando se fala dos produtos brasileiros mais competitivos no comércio internacional não se pode deixar de mencionar o mercado brasileiro da carne bovina. De acordo com Bliska (1999), o crescimento da economia dos países desenvolvidos contribuía para a expansão das exportações brasileiras de carne bovina. Contudo, a partir de 2008 com a crise observou-se uma queda na renda externa mundial, que por sua vez afetou tanto as exportações brasileiras de carne bovina quanto às de carne de aves. Ademais outros fatores como oscilações na taxa de câmbio, atividade econômica interna, consumo interno e os preços de exportação também afetam significativamente a quantidade de toneladas exportadas.

Vale ressaltar que o mercado mundial de carne nos últimos anos tem se elevado de forma mais acelerada que o crescimento da população. Isso implica em dizer que o consumo de carne bovina não cresce somente em função do aumento da população, mas também se deve à mudança de hábitos dos consumidores, que por sua vez leva um aumento do consumo *per capita* do produto (THOMÉ, 2011).

Quando o termo “competitividade” entra em discussão, pode-se fazer uma relação direta com a produção. Neste caso, isto remete aos esforços no sentido de reduzir custos de produção (BATALHA, 2013). E esta produtividade pode ser visualizada, segundo Souza (2008), com a redução das taxas de inflação a partir de 1994 ocasionada pelo Plano Real. Desde então ocorreram grandes transformações no setor primário brasileiro, com destaque para pecuária, que se beneficiava da valorização da moeda brasileira. Em virtude destas

mudanças econômicas a atividade pecuária teve de se adaptar, com as propriedades rurais tornando-se empresas eficientes, elevando assim os índices produtivos.

Nesse sentido, o Brasil se tornou muito competitivo no mercado internacional de carne e desde 2004 o Brasil é líder nas exportações de carne bovina. Em 2013, 19,6 % (20 milhões de toneladas<sup>1</sup>) da carne produzida foi comercializada internacionalmente, com mais de 180 países, o que gerou uma receita na casa do 6 bilhões de dólares. Além disso, o Brasil tem o segundo maior rebanho bovino efetivo do mundo, com 208 milhões de cabeças, ocupa uma área de pastagens de 174 milhões de hectares, o que equivale a aproximadamente 20 % do território brasileiro (ABIEC, 2014).

O aumento expressivo apresentado pelas exportações brasileiras na década de 2000 ocorreu devido ao aumento da demanda mundial, elevação da renda dos países emergentes e em grande parte aos problemas sanitários enfrentados por tradicionais fornecedores internacionais. Os Estados Unidos, por exemplo, apresentou uma retração em suas exportações entre 2003 e 2005, devido a problemas com relação aos casos da patologia conhecida popularmente como doença da “vaca louca”<sup>2</sup>; Inglaterra e Argentina também passaram por problemas neste período, com a febre aftosa (SOUZA, 2008).

Além de ser um grande produtor e exportador, o Brasil também aparece como o segundo maior mercado consumidor mundial de carne bovina, sendo que 80% da produção (8,27 milhões de toneladas) é voltada ao mercado interno; ficando somente atrás da União Europeia, e a frente da China e Argentina (ABIEC, 2014).

O contínuo crescimento apresentado pelo mercado bovino brasileiro a partir do início da década de 2000, ainda se mantém em 2014, onde é esperado um crescimento de 3% na produção, além da previsão de aumento no consumo global de carne bovina (SCOT, 2014).

Enquanto que nos últimos anos o Brasil apresenta crescimento contínuo na produção de carne, a Argentina vem enfrentando difíceis problemas. Em virtude das questões políticas e econômicas internas, a Argentina vem enfrentando grandes problemas e perdendo espaço na produção de carnes. O aumento dos custos da matéria-prima se tornou um grande obstáculo. Além disso, a produção argentina foi obrigada a atender sua demanda interna, que no caso, o país destinava 1 tonelada ao consumo interno, para cada 3,5 toneladas que exportasse (TAPIAS, 2012).

---

<sup>1</sup> Tonelada equivalente à carcaça (TEC).

<sup>2</sup> Encefalopatia Espongiforme Bovina – (EEB)

Contudo, em função dos custos de produção mais elevados, o mercado interno não foi capaz de aumentar a demanda em virtude dos preços mais elevados do produto. Com isso, o consumo doméstico da Argentina decresceu em 16 kg anuais por habitante durante o ano de 2011. Desta forma, para reduzir o prejuízo os produtores também reduziram o rebanho, neste período, em cerca de 6,5 milhões de cabeças. Vale ressaltar que em essa já havia acontecido no período de 2008 a 2010, redução de 6 milhões de cabeças (TAPIAS, 2012).

A Argentina vem perdendo espaço nas exportações da carne bovina. Antes de 2005 o país era o terceiro principal exportador de carne bovina, e de 2005 a 2012 passou a ocupar apenas décima posição (ABIEC, 2013).

Conforme o Ministério de Economia e Produção da Argentina, em 2007 o governo argentino estabeleceu um valor máximo para o comércio da carne bovina – tal preço era uma espécie de congelamento de preço, igualando ao preço do ano anterior - além das restrições para exportação que o governo impôs. Esta medida não foi favorável para o mercado argentino, pois os produtores reduziram o número de abates devido à baixa taxa de lucro. Com isso, houve queda no número de abates, proporcionando um decréscimo na oferta da carne; por este motivo, pode-se dizer que os argentinos consumiram menos (SCOT, 2013).

O país argentino vem cometendo erros tendenciosos no mercado internacional, visto que em 2000, o país exportou cerca de 346 mil toneladas, em 2006, a exportação ultrapassou pouco 500 mil toneladas. Contudo, em 2012, a Argentina possuía a carne bovina mais cara do comércio internacional, devido à sua alta qualidade, e grande procura dos principais países europeus (PALAU, 2014).

Ainda conforme Palau (2014), o decréscimo das exportações da Argentina deve-se ao ambiente institucional, que se deu por vários fatores, como a gestão discricionária das exportações, atraso cambiário, alta nos custos da indústria frigorífica, dentre outros. Além de que esses fatores aconteceram paralelamente ao aumento no abate de fêmeas e diminuição do rebanho bovino argentino.

Várias consultorias dizem que a Argentina passou por situações cada vez piores no setor de carnes argentino. Em vários meses de 2012, o consumo interno da produção bovina do país foi de 92,4%. Além da crise mundial, o setor justificou-se pelas tarifas altas impostas pelo governo aos frigoríficos exportadores, 15 % e, conseqüentemente, o país perdeu competitividade da carne bovina no cenário internacional (FÉLIX, 2012).

Apesar do mau momento do mercado internacional para a Argentina, o país levou grande consideração para se exportar para o mercado russo, pois é um dos principais países que demandam carne bovina no comércio mundial, e em 2013 estava interessada em consumir a carne *premium* da Argentina. Contudo, no ano de 2013 a Argentina consumiu cerca de 75% da sua produção de bovinos, exportando apenas, cerca de 25%. E a Argentina ainda precisaria estudar algumas maneiras de armazenamento para a carne resfriada a vácuo (UNIEC, 2013).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. FONTE DE DADOS

Sobre a revisão bibliográfica, foram utilizadas de fontes secundárias, de diversos autores e obras.

Neste trabalho utilizou-se apenas carne bovina *in natura*, pois este representa aproximadamente 80% das exportações mundiais. Primeiramente foram selecionados dois países importantes nas exportações de carne bovina *in natura* no ano de 2013 sendo respectivamente, Brasil e Argentina.

O estudo avalia o comportamento das exportações de Brasil e Argentina no período de 2006-2013. Segundo Carvalho (1995), como a estrutura de exportações de um país pode sofrer mudanças no decorrer do período analisado, a divisão em períodos mais curtos permite identificar com melhor precisão as mudanças que ocorreram durante o período analisado. Com esse intuito, o período analisado foi dividido em dois grupos de tempo de quatro anos: 2006-2009 e 2010-2013. Assim sendo, o primeiro grupo é o primeiro período, e o segundo grupo o segundo período. Além disso, a forma de análise, não foi calculada a média dos períodos, foram analisados dados dos anos separadamente, de 2006 e 2009, e posteriormente, de 2010 e 2013.

Como destino das exportações, para coleta de dados foram atribuídos os dez principais países importadores de carne bovina *in natura* do Brasil e também dez principais importadores da Argentina, indicados nas Tabelas 5, 6 7 e 8, nos respectivos grupos de tempo analisados, justificados pela grande representatividade no total das exportações do país.

Os dados foram coletados a partir do banco de dados UNComtrade, das Nações Unidas, sendo identificados pelos seguintes códigos NCM: 0201 (carne resfriada) e 202 (carne congelada). Todos os dados coletados são referentes a valores monetários de importações e exportações, sempre expressos em dólares americanos (U\$).

#### 3.2. O MODELO *CONSTANT MARKET SHARE*

O Modelo Constant Market-Share é utilizado no presente estudo dada a necessidade de decomposição da taxa de crescimento das exportações da carne bovina de Brasil e Argentina para o período de estudo, a análise do CMS pertence à classe dos modelos diferencial-

estrutural. Com a análise do crescimento potencial, pode-se observar o valor que as exportações brasileiras e argentinas teriam que alcançar de forma a manter constante sua participação nas exportações mundiais (CANUTO & XAVIER, 1999).

Segundo Machado *et al.* (2005) o modelo CMS permite determinar os fatores que influenciam o desempenho das exportações e competitividade de um país. Os principais concorrentes, identificados no ano de 2013 foram Estados Unidos, Austrália e Índia.

O modelo CMS tem sido amplamente utilizado para determinação de fatores que contribuíram para o desempenho das exportações de um determinado produto, para um país ou bloco econômico em certo período, aponta (GRAMS *et al.*, 2013). Trabalhos baseados no modelo CMS têm por objetivo analisar a participação de um país ou bloco econômico no fluxo mundial ou regional, decompondo as tendências de crescimento das exportações de acordo com seus determinantes (CORONEL *et al.*, 2009).

Leamer e Stern (2006) apontam que os fatores que contribuem para as exportações de um país crescer abaixo da média mundial são a concentração das exportações em mercadorias com baixo crescimento de demanda, comparada a outros produtos, regiões que apresentam estagnação em relação ao produto exportado e a falta de condições para competir com seus concorrentes no mercado internacional. Carvalho (1995) destaca que apesar do método apresentar um caráter retrospectivo, há possibilidade de se fazer inferências em relação ao direcionamento do setor, orientando para mercados mais vantajosos, com características mais dinâmicas, admitindo a continuidade das tendências apresentadas.

O modelo CMS pode ser descrito pela seguinte equação proposta por Merkies e Meer (1988), conforme fonte secundária de Leamer e Stern (2006):

$$V'_{..} - V_{..} \equiv rV_{..} + \sum_i (r_i - r)V_i + \sum_{jk} (r_{jk} - r_k)V_{ijk} + \sum_{jk} (r_{ijk} - r_{jk})V_{ijk} \quad (1)$$

(a)                      (b)                      (c)                      (d)

Onde:

$V$  = valor total das exportações no período 1, sendo tal período, para o primeiro grupo analisado, o ano de 2006 e para o segundo grupo, o ano de 2010;

$V'$  = valor total das exportações no período 2, sendo tal período, para o primeiro grupo analisado, o ano de 2009, e para o segundo grupo, o ano de 2013;

$V_{ijk}$  = valor das exportações da mercadoria  $k$ , do país  $i$  para o mercado  $j$ , no período 1;

$r$  = taxa percentual das exportações mundiais.

$r_i$  = taxa percentual das exportações totais do país  $i$ ;

$r_k$  = taxa percentual das exportações mundiais da mercadoria  $k$ ;



$r_{jk}$  = taxa percentual das exportações mundiais da mercadoria  $k$  para o país  $j$ ;

$r_{ijk}$  = taxa percentual das exportações da mercadoria  $k$ , do país  $i$  para  $j$ .

A equação CMS permite decompor a taxa de crescimento das exportações do país analisado em quatro efeitos:

- (a)  $rV$  = *Efeito crescimento do comércio mundial*: indica se as exportações do país analisado cresceram à mesma taxa do comércio mundial.
- (b)  $\sum_i (r_i - r)V_i$  = *Efeito composição da pauta*: apresenta mudanças na composição da pauta de exportações sobre a concentração em mercadorias de maior ou menor crescimento. Será positivo se as exportações mundiais do produto  $i$  aumentar mais do que a média mundial para todas as mercadorias. Quando utilizado para analisar as exportações de um único tipo de produto, torna-se nulo a composição da pauta, sendo essa etapa da equação eliminada.
- (c)  $\sum_{jk} (r_{jk} - r_k)V_{ijk}$  = *Efeito destino das exportações*: apresenta mudanças decorrentes da concentração das exportações para mercados mais ou menos dinâmicos. Será positivo se o país analisado tiver concentrado suas exportações em mercados com maior dinamismo.
- (d)  $\sum_{jk} (r_{ijk} - r_{jk})V_{ijk}$  = *Efeito competitividade*: determinado pelo efeito residual resultante da diferença entre crescimento proporcional mundial e crescimento efetivo das exportações de um país. A diferença entre o crescimento das exportações apresentado no modelo CMS e o crescimento efetivo das exportações é atribuída a competitividade. Quando negativo, indicará o fracasso do país em manter sua parcela no mercado mundial.

O efeito composição da pauta não entra na análise deste trabalho, visto que a composição das mercadorias analisadas neste estudo é de apenas um item, tornando-se desnecessário explicitar tal efeito.

O efeito competitividade, segundo Leamer e Stern (2006), pode receber influência de outros fatores, além dos preços relativos, como mudanças tecnológicas, incentivos fiscais, estratégias de marketing, aprimoramento dos mecanismos de financiamento e crédito e disponibilidade de atendimento das encomendas dos compradores.

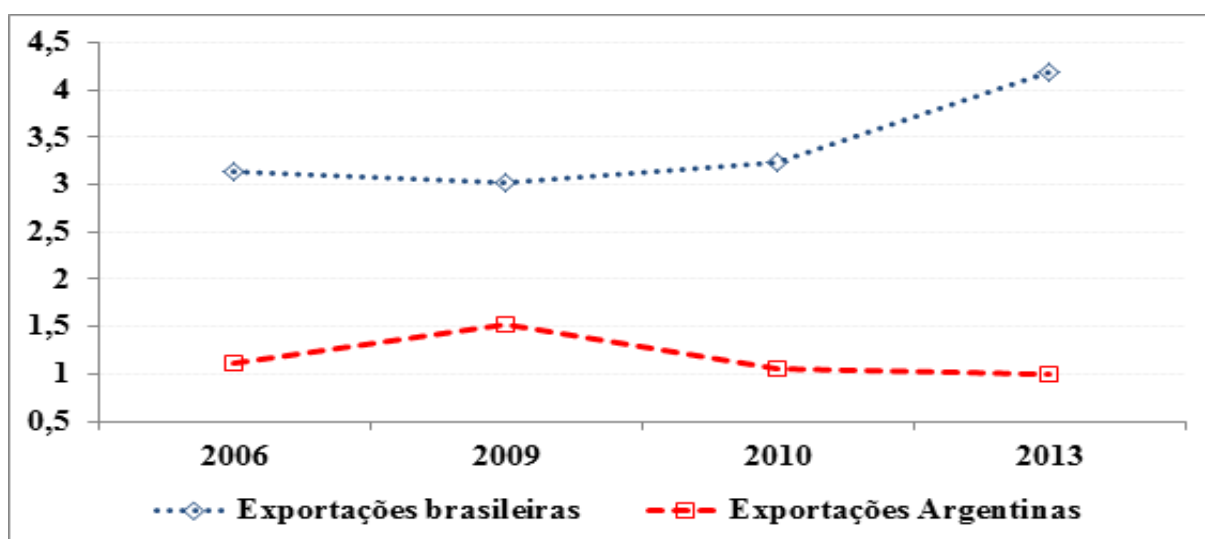
## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. O MERCADO DA CARNE

Em 2013, o consumo mundial de carne bovina foi de 56,8 milhões de toneladas equivalente carcaça (USDA). Os Estados Unidos foi o maior consumidor nesse dado ano, representando um consumo de 20,4% da produção mundial. Entretanto, os Estados Unidos diminuiu seu consumo, apesar de ser o maior consumidor desde 2000, porém em outros países o consumo cresceu (WOLFSEEDS, 2014). Brasil e China aparecem nesta lista como os países que mais aumentaram seu consumo de carne bovina em 2013, cujo aumento foi, respectivamente, 29,2% e 16,8% (USDA).

O Brasil é um dos principais produtores de proteína animal do mundo e o principal destino da sua produção é o mercado interno, mesmo porque o país exporta apenas 20% de sua produção (MAPA, 2011).

Em termos comparativos, pode-se ver a partir da Figura 1 o volume de exportações de carne bovina do Brasil e da Argentina em (U\$ bi) entre 2006 e 2013. O Brasil, exportou em média, cerca de 3 vezes mais que a Argentina no período de 2006 a 2009. A partir de 2010, o Brasil cresceu consideravelmente nas exportações de carne, ao contrário da Argentina que perdeu mercado, devido a várias restrições à exportação que o seu próprio governo impôs.



**Figura 1 – Exportações de carne bovina em (U\$ bi) de Brasil e Argentina de 2006 a 2013.**

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da USDA.

Na Argentina, depois de fortes declínios, a produção de carne bovina cresceu, em 2012, 4,25 % em relação ao período anterior. Este aumento aconteceu em decorrência da maior

participação de fêmeas nos abates, ocasionando uma queda no número de matrizes. A maior parte da produção argentina foi vendida internamente no ano de 2012. Isto também ocorreu no Brasil, visto que a maioria da sua produção também é vendida internamente, exportando somente o excedente (BEEFPOINT, 2012).

A Tabela 1 mostra os principais produtores de carne bovina entre os anos de 2005 a 2013 no mundo, e a participação de cada um dos países relacionados na produção mundial. A produção mundial de carne bovina *in natura* em 2013 foi de 60.080 milhões de TEC e exportações totalizaram 9.165 milhões de TEC, representando 15,63% da produção.

**Tabela 1 – Produção mundial de carne bovina (TON. CWE<sup>3</sup>) entre 2005 a 2013.**

| País           | Produção mundial de carne bovina (1.000 ton) |      |        |      |        |      |        |      |        |       |
|----------------|--|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|-------|
|                | 2005   | %    | 2007   | %    | 2009   | %    | 2011   | %    | 2013   | %     |
| Estados Unidos | 11.318                                       | 20,1 | 12.097 | 20,9 | 11.891 | 20,8 | 11.946 | 20,9 | 11.757 | 19,7  |
| Brasil         | 8.776  | 15,6 | 9.297  | 16,1 | 9.180  | 16,1 | 9.771  | 17,1 | 9.675  | 16,1  |
| União Europeia | 8.090  | 14,4 | 8.170  | 14,1 | 7.913  | 13,9 | 8.000  | 14   | 7.470  | 12,5  |
| China          | 5.681  | 10,1 | 6.134  | 10,6 | 5.764  | 11   | 5.500  | 9,6  | 5.637  | 9,4   |
| Índia          | 2.170  | 3,9  | 1.700  | 2,9  | 2.230  | 3,9  | 2.842  | 4,9  | 3.850  | 6,4   |
| Austrália      | 2.102  | 3,7  | 2.172  | 3,7  | 2.129  | 3,7  | 2.140  | 3,7  | 2.359  | 3,9   |
| México         | 1.725  | 3,1  | 1.600  | 2,8  | 1.700  | 2,9  | 1.751  | 3,0  | 1.808  | 3,01  |
| Rússia         | 1.520  | 2,7  | 1.430  | 2,5  | 1.460  | 2,5  | 1.400  | 2,5  | 1.370  | 2,3   |
| Canadá         | 1.470  | 2,6  | 1.278  | 2,2  | 1.252  | 2,2  | 1.275  | 2,2  | 1.035  | 1,7   |
| Paquistão      | 1.004  | 1,8  | 1.344  | 2,3  | 1.457  | 2,5  | 1.450  | 2,5  | 1.460  | 2,5   |
| Outros         | 12.324                                       | 22   | 12.665 | 21,9 | 12.096 | 20,5 | 11.141 | 19,6 | 13.659 | 22,49 |
| Total          | 56.180                                       | 100  | 57.887 | 100  | 57.072 | 100  | 57.216 | 100  | 60.080 | 100   |

Fonte: Abiec (2014). Adaptado pelo autor.

No ano de 2012, a exportação deste produto na Argentina representou cerca de 7% da produção total, o que antes em períodos recordes no país era de 15%. O consumo per capita dos argentinos nesse ano foi de 58 quilos, ocasionando um aumento de 6% em relação aos anos anteriores (BEEFPOINT, 2012)

O Brasil se mostra a vários anos na 2ª posição, atrás apenas dos Estados Unidos na produção da carne bovina. A sua grande extensão territorial contribui para isso, além de que o clima tropical brasileiro, melhoramento genéticos dos animais, boas práticas de manejo,

<sup>3</sup> Tons Carcass-Weight Equivalent.

melhoras nas pastagens, também ajuda a país no *ranking* dos principais produtores de bovinos (Tabela 1).

Contudo, como o nosso interesse é comparar Brasil e Argentina neste setor a tabela 2, demonstra o volume em cabeças do rebanho de ambos os países, de forma a explicitar a diferença quanto ao volume da produção.

**Tabela 2 – Rebanhos bovinos de Brasil e Argentina (x 1.000 cabeças) entre 2008 a 2012.**

| País         | 2008           | 2009           | 2010           | 2011           | 2012           |
|--------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Brasil       | 169.897        | 173.269        | 174.091        | 180.418        | 185.836        |
| Argentina    | 54.260         | 49.057         | 48.156         | 48.856         | 50.056         |
| <b>Total</b> | <b>224.157</b> | <b>222.326</b> | <b>222.247</b> | <b>229.274</b> | <b>235.292</b> |

Fonte: USDA (2014), adaptado pelo autor.

O rebanho bovino brasileiro, em 2008, era praticamente três vezes maior que o rebanho da Argentina e continuo a crescer em uma velocidade de aproximadamente 4 milhões de cabeça ano. Na Argentina aconteceu o contrário, visto que entre os 2009 a 2011 ocorre uma declínio no número de cabeças, além disso quase toda a produção tinha como destino o mercado interno (Tabela 2). Isto pode ser evidenciado pela Tabela 3.

**Tabela 3 – Consumo interno dos principais consumidores de carne bovina no mundo (em toneladas)**

| País         | 2006          | %    | 2007          | %    | 2008          | %    | 2009          | %    | 2010          | %    | 2011          | %    |
|--------------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|
| U. Europeia  | 8.649         | 15,7 | 8.690         | 14,9 | 8.352         | 14,4 | 8.262         | 14,6 | 8.185         | 14,5 | 8.155         | 14,4 |
| Brasil       | 8.033         | 14,1 | 7.830         | 13,5 | 6.945         | 11,9 | 6.811         | 12,0 | 7.321         | 13,0 | 7.540         | 13,4 |
| China        | 5.692         | 9,8  | 6.065         | 10,4 | 6.080         | 10,5 | 5.749         | 10,1 | 5.589         | 9,9  | 5.495         | 9,7  |
| Argentina    | 2.553         | 4,5  | 2.771         | 4,8  | 2.731         | 4,7  | 2.727         | 4,9  | 2.305         | 4,0  | 2.233         | 3,9  |
| Índia        | 1.694         | 2,9  | 1.735         | 2,9  | 1.880         | 3,2  | 1.905         | 3,4  | 1.930         | 3,4  | 1.960         | 3,5  |
| Rússia       | 2.381         | 4,1  | 2.452         | 4,2  | 2.616         | 4,6  | 2.347         | 4,1  | 2.307         | 4,0  | 2.296         | 4,0  |
| Outros       | 27.992        | 48,9 | 28.590        | 49,3 | 29.371        | 50,7 | 28.867        | 50,9 | 28.907        | 51,2 | 28.814        | 51,1 |
| <b>Total</b> | <b>56.994</b> | 100  | <b>58.133</b> | 100  | <b>57.975</b> | 100  | <b>56.668</b> | 100  | <b>56.544</b> | 100  | <b>56.493</b> | 100  |

Fonte: Extraído de Abiec (2011), adaptado pelo autor.

O consumo *per capita* pode ser visto de forma comparativa entre Brasil e Argentina na Tabela 4. Dessa forma, é fácil notar que os argentinos consomem bem mais carne bovina do que os brasileiros, e isso pode ser justificado por alguns motivos como os hábitos culturais, a desigualdade socioeconômica que no Brasil é bem maior, e a maior quantidade de produtos substitutos que a carne bovina tem no Brasil como aves (principalmente frango), peixes e suínos (LIMA, 2012).

**Tabela 4 – Consumo per capita de Brasil e Argentina (kg/pessoa/ano)**

| <b>País</b> | <b>2008</b> | <b>2009</b> | <b>2010</b> | <b>2011</b> | <b>2012</b> |
|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Brasil      | 36,9        | 37,1        | 37,8        | 38,1        | 38,3        |
| Argentina   | 67,5        | 66,7        | 56,2        | 53,7        | 54,6        |

Fonte: USDA, extraído. Adaptado pelo autor.

Contudo, vale ressaltar que entre 2008 e 2012, enquanto o Brasil tem aumentado seu consumo per capita, a Argentina tem diminuído o consumo no mesmo período. Isto se deve aos problemas econômicos e políticos internos da Argentina.

O consumo da carne bovina tem sido estável nos últimos anos, apesar de os Estados Unidos e a União Europeia, diminuírem o seu consumo devido às crises econômicas, além de países como China e Japão começarem a alterar seus comportamentos quanto aos hábitos alimentares (FLORINDO *et al*, 2014).

Contudo, o Brasil principalmente, tem se mantido presente no ambiente do comércio internacional da carne. A Argentina, por sua vez, tem se colocado presente também no âmbito internacional do setor.

De acordo com Florindo *et. al.* (2014), as barreiras não tarifárias tem ganhado importância no mercado mundial como fator de restrição destacando-se as barreiras sanitárias impostas a carne bovina *in natura*.

A Tabela 5 apresenta os dez países que mais importaram carne bovina brasileira, e os respectivos valores totais negociados com meda americana dentro de um espaço de tempo de três anos, além da participação mundial de cada dado. Com os dados apresentados é possível perceber que somente seis dos dez principais países que o Brasil exportou carne, demandou em maior quantidade o produto brasileiro.

**Tabela 5 – Principais importadores de carne brasileira de 2006 e 2009.**

| País         | Total da<br>importação<br>(2006) U\$ | %           | Total<br>exportado<br>pelo Brasil<br>(2006) U\$ | %          | Total<br>importação<br>(2009) U\$ | %           | Total<br>exportado<br>pelo Brasil<br>(2009) U\$ | %          |
|--------------|--------------------------------------|-------------|---|------------|-----------------------------------|-------------|---|------------|
| Rússia       | 1.597.072.891                        | 6,9         | 743.187.546                                     | 3,21       | 2.314.523.512                     | 8,5         | 910.651.367                                     | 3,35       |
| Irã          | 9.996.844                            | 0,04        | 107.283.923                                     | 0,47       | 347.191.963                       | 1,3         | 335.351.689                                     | 1,23       |
| China        | 8.450.298                            | 0,03        | 119.270   | 0,0005     | 44.046.228                        | 0,2         | 2.969.307                                       | 0,01       |
| Egito        | 409.612.390                          | 1,8         | 364.185.362                                     | 1,6        | 407.837.089                       | 1,5         | 200.122.081                                     | 0,73       |
| Argélia      | 145.020.062                          | 0,6         | 101.707.345                                     | 0,45       | 172.026.877                       | 0,6         | 141.773.544                                     | 0,52       |
| Líbano       | 69.685.949                           | 0,3         | 43.017.111                                      | 0,2        | 153.234.459                       | 0,5         | 104.001.003                                     | 0,38       |
| Itália       | 2.563.252.157                        | 11,2        | 232.563.455                                     | 1,0        | 2.834.855.962                     | 10,4        | 118.543.903                                     | 0,44       |
| Holanda      | 1.087.253.356                        | 4,8         | 253.562.006                                     | 1,1        | 1.435.286.944                     | 5,2         | 92.637.166                                      | 0,34       |
| Líbia        | 392.263.367                          | 1,8         | 37.964.780                                      | 0,16       | 41.246.033                        | 0,2         | 57.389.016                                      | 0,21       |
| <b>Total</b> | <b>5.890.343.947</b>                 | <b>27,5</b> | <b>1.845.626.018</b>                            | <b>8,3</b> | <b>7.709.003.034</b>              | <b>31,7</b> | <b>1.906.050.060</b>                            | <b>7,2</b> |

Fonte: USDA. Elaborado pelo autor.

A Tabela 6 apresenta os dez países que mais importaram carne bovina argentina, e os respectivos valores totais negociados com meda americana dentro de um espaço de tempo de três anos, assim como a participação mundial de cada dado. Neste período de 2006 e 2009, a Rússia foi o principal importador tanto carne brasileira quanto argentina. É notável que importantes países da União Europeia demandaram carne da Argentina por ser carne de alta qualidade.

**Tabela 6 - Principais importadores de carne argentina de 2006 e 2009.**

| País         | Total da<br>importação<br>(2006) U\$ | %           | Total<br>exportado<br>pela<br>Argentina<br>(2006) U\$ | %           | Total<br>importação<br>(2009) U\$ | %           | Total<br>exportado<br>pela<br>Argentina<br>(2009) U\$ | %          |
|--------------|--------------------------------------|-------------|---|-------------|-----------------------------------|-------------|---|------------|
| Rússia       | 1.597.072.891                        | 6,9         | 392.884.416   | 1,7         | 2.314.523.512                     | 8,5         | 323.033.983   | 1,18       |
| Alemanha     | 1.233.521.000                        | 5,3         | 242.277.559   | 1,05        | 1.569.623.000                     | 5,8         | 301.865.246   | 1,11       |
| Chile        | 330.213.021                          | 1,4         | 90.675.638  | 0,39        | 468.057.815                       | 1,8         | 152.885.908   | 0,5        |
| Itália       | 2.563.252.157                        | 11,1        | 80.258.358  | 0,34        | 2.834.855.962                     | 10,4        | 126.667.152   | 0,4        |
| Israel       | 211.109.000                          | 0,9         | 60.866.981  | 0,26        | 253.954.000                       | 0,9         | 118.091.840   | 0,4        |
| Holanda      | 1.087.253.356                        | 4,7         | 50.792.394  | 0,23        | 1.435.286.944                     | 5,3         | 128.808.609   | 0,46       |
| Reino Unido  | 1.237.747.178                        | 5,3         | 35.499.994  | 0,15        | 1.217.429.535                     | 4,5         | 16.321.286  | 0,06       |
| Brasil       | 65.784.430                           | 0,3         | 32.917.000  | 0,14        | 118.221.099                       | 0,4         | 30.170.064  | 0,1        |
| Espanha      | 749.978.871                          | 3,2         | 28.687.471  | 0,13        | 748.721.432                       | 2,7         | 18.383.428  | 0,06       |
| Venezuela    | 81.223.203                           | 0,3         | 26.940.884  | 0,12        | 868.722.999                       | 3,2         | 120.433.270   | 0,43       |
| <b>Total</b> | <b>9.157.155.107</b>                 | <b>39,4</b> | <b>986.172.340</b>                                    | <b>4,51</b> | <b>10.211.951.867</b>             | <b>43,5</b> | <b>1.197.844.088</b>                                  | <b>4,7</b> |

Fonte: USDA. Elaborado pelo autor.

Podemos perceber conforme a Tabela que a Argentina expandiu seu mercado e também exportou para China e Egito, cada um importando, aproximadamente, 30 milhões e 17,5 milhões de dólares respectivamente, apesar de cenário interno governamental interferindo diretamente na comercialização deste produto.

Entre os períodos de 2010 a 2013, conforme Tabela 7, os dez principais que importaram carne bovina brasileira foram praticamente os mesmo do período de 2006 a 2009. Porém, depois que a China fechou as portas para o comércio com as empresas frigoríficas brasileiras, Hong Kong ingressou na lista dos principais importadores do Brasil, além da Arábia Saudita.

**Tabela 7 – Principais importadores de carne brasileira de 2010 e 2013.**

| <b>País</b>    | <b>Total da<br/>importação<br/>(2010) U\$</b> | <b>%</b>    | <b>Total<br/>exportado<br/>pelo Brasil<br/>(2010) U\$</b> | <b>%</b>     | <b>Total<br/>importação<br/>(2013) U\$</b> | <b>%</b>    | <b>Total<br/>exportado<br/>pelo Brasil<br/>(2013) U\$</b> | <b>%</b>     |
|----------------|---|-------------|---|--------------|--|-------------|---|--------------|
| Rússia         | 2.170.265.988                                 | 7,2         | 1.024.246.000   | 3,41         | 2.779.568.061                              | 7,9         | 1.197.940.000   | 3,44         |
| Irã            | 780.824.485                                   | 2,6         | 807.321.000   | 2,69         | 414.353.500                                | 1,2         | 266.304.000   | 0,76         |
| Egito          | 729.949.697                                   | 2,4         | 409.777.000   | 1,36         | 834.826.952                                | 2,4         | 463.680.000   | 1,33         |
| Hong Kong      | 524.303.978                                   | 1,6         | 236.171.000   | 0,78         | 2.079.990.711                              | 5,9         | 977.622.000   | 2,8          |
| Itália         | 2.765.855.205                                 | 9,2         | 141.935.000   | 0,47         | 2.020.765.325                              | 5,8         | 188.603.000   | 0,54         |
| Arábia Saudita | 360.667.651                                   | 1,1         | 121.903.000   | 0,4          | 447.355.866                                | 1,3         | 203.000   | 0,0005       |
| Argélia        | 165.807.785                                   | 0,5         | 102.369.000   | 0,34         | 236.488.779                                | 0,6         | 90.842.000  | 0,26         |
| Israel         | 361.266.000                                   | 1,1         | 102.285.000   | 0,34         | 319.641.061                                | 0,9         | 82.901.000  | 0,23         |
| Líbano         | 163.818.819                                   | 0,5         | 97.914.000  | 0,32         | 122.386.302                                | 0,3         | 74.899.000  | 0,21         |
| <b>Total</b>   | <b>7.721.988.226</b>                          | <b>26,5</b> | <b>3.029.872.000</b>                                      | <b>10,11</b> | <b>9.898.925.211</b>                       | <b>28,4</b> | <b>4.029.469.000</b>                                      | <b>11,58</b> |

Fonte: USDA. Elaborado pelo autor.

Da mesma forma que o Brasil, o quadro dos dez principais importadores da carne bovina argentina também foi alterado no período entre 2010 a 2013, conforme tabela 8. A Alemanha passou a ser o principal consumidor externo, porém em menor quantidade. É possível também perceber a queda brusca de importação pela Rússia e Chile, que eram antes dois dos três principais clientes externos da Argentina, e agora neste período citado, a Rússia ocupa apenas a quinta posição e o Chile não está nem entre os dez principais países que a Argentina exportou.



**Tabela 8 - Principais importadores de carne argentina de 2010 e 2013.**

| <b>País</b>  | <b>Total da<br/>importação<br/>(2010) U\$</b> | <b>%</b>     | <b>Total<br/>exportado<br/>pela<br/>Argentina<br/>(2010) U\$</b> | <b>%</b>    | <b>Total<br/>importação<br/>(2013) U\$</b> | <b>%</b>    | <b>Total<br/>exportado<br/>pela<br/>Argentina<br/>(2013) U\$</b> | <b>%</b>   |
|--------------|---|--------------|--|-------------|--|-------------|--|------------|
| Alemanha     | 1.710.291.631                                 | 5,7          | 323.754.968  | 1,07        | 2.161.406.485                              | 6,2         | 286.994.649  | 0,82       |
| Israel       | 361.266.000                                   | 0,1          | 137.015.623  | 0,45        | 477.355.000                                | 1,4         | 120.615.240  | 0,35       |
| Holanda      | 1.418.751.724                                 | 4,7          | 106.730.941  | 0,35        | 1.969.444.584                              | 5,6         | 107.209.935  | 0,3        |
| Itália       | 2.765.855.205                                 | 9,2          | 91.195.744   | 0,3         | 2.020.765.325                              | 5,8         | 49.521.895   | 0,14       |
| Rússia       | 2.170.265.988                                 | 7,2          | 90.698.035   | 0,3         | 2.779.568.061                              | 7,9         | 49.149.910   | 0,14       |
| Brasil       | 160.729.755                                   | 0,5          | 69.058.402   | 0,23        | 276.702.534                                | 0,8         | 68.112.942   | 0,2        |
| Venezuela    | 224.313.437                                   | 0,7          | 59.699.271   | 0,2         | 1.085.576.017                              | 3,1         | 11.495.762   | 0,03       |
| Espanha      | 751.349.453                                   | 2,5          | 13.060.169   | 0,04        | 760.913.838                                | 2,2         | 5.561.992  | 0,01       |
| China        | 84.221.278                                    | 0,3          | 12.245.878   | 0,04        | 1.270.145.097                              | 3,6         | 48.967.955   | 0,14       |
| Marrocos     | 21.989.651                                    | 0,07         | 7.637.621  | 0,02        | 54.132.030                                 | 0,2         | 15.687.812   | 0,05       |
| <b>Total</b> | <b>9.669.034.122</b>                          | <b>32,24</b> | <b>911.096.652</b>   | <b>2,73</b> | <b>12.856.008.971</b>                      | <b>36,9</b> | <b>763.318.092</b>   | <b>2,2</b> |

Fonte: USDA. Elaborado pelo autor.

No ano de 2013, a Argentina expandiu seu mercado com o Chile, Suíça e Bélgica, cada um importando a carne bovina em dólares, aproximadamente, 178 milhões, sete milhões e seis milhões respectivamente. Análise dos resultados a partir do modelo CMS

## **4.2 Resultados do modelo *Constant Market Share***

### **4.2.1 Período I – 2006 a 2009**

O primeiro período analisado foi marcado por um grande crescimento nas exportações mundiais, indo de U\$ 24,2 bilhões em 2002 para U\$ 28,8 bilhões em 2009, crescendo aproximadamente 19,2%.

Como visto na Tabela 4, houve um crescimento na demanda mundial de carne bovina e paralelamente à queda nas exportações dos Estados Unidos devido ao registro de casos de EEB resultou em um forte crescimento das exportações para o Brasil e Índia, possibilitada por possuírem saldo para exportação em relação ao consumo.

A partir de 2006, o governo argentino interviu de maneira crescente na cadeia da carne bovina no país, o que desestimulou a sua produção. Entre 2007 a 2009, a intervenção era tão

grande que era capaz de ofertar-se o produto de alta qualidade, de custo caro, com preços considerados baixos. Isso ocasionou um grande aumento no consumo interno da carne em 2009 (TAPIAS, 2012).

Contudo, no Brasil tem-se investido cada vez mais na produção do gado de corte, otimizando o espaço dos pastos e confinamentos, além de investir pesadamente no que concerne à genética dos animais.

A crise financeira americana em 2008 refletiu nas exportações de vários países, por isso, as exportações mundiais apresentaram um crescimento de apenas 2,5% nesse período.

Os dados da Tabela 9 descrevem o impacto desta crise financeira sobre as exportações americanas, tendo uma redução de aproximadamente 25% em relação ao crescimento mundial. E a tabela dos cálculos está explicitada no anexo I.

Países como o Irã e Venezuela apresentaram grande crescimento em suas importações comparadas ao pequeno crescimento do mercado mundial, sendo que foram proporcionadas pela abertura de mercado, principalmente com o Brasil.

A partir de 2005, o Brasil enfrentou sérias restrições devido às ocorrências da febre aftosa. Principalmente países da União Europeia passaram a demandar menos do Brasil. Contudo, o Brasil ganhou mercado com a Venezuela, que adquiriu boa parte do excedente da produção brasileira.

A Rússia consumiu 2,4 milhões de toneladas em 2007. Ela diminuiu sua produção interna e demandou mais dos países e aumentou seu consumo per capita de 3%, comparado com o ano anterior. Nesse período foi o principal comprador de carne bovina do Brasil.

**Tabela 9 – Análise CMS período de 2006 a 2009.**

| Indicador  | Brasil  | Argentina |
|--|---------|-----------|
| Crescimento das exportações do país de carne bovina no período | -3,57%  | 37,1%     |
| Efeito Crescimento do Comércio Mundial                         | -13,59% | 735,80%   |
| Efeito Destino das Exportações                                 | 14,39%  | -825,57%  |
| Efeito Competitividade   | 239,35% | -209,28%  |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Alguns países do Oriente Médio, como Egito e Irã, por exemplo, Irã e Egito também foram cruciais para o comércio externo brasileiro, depois das restrições advindas da União Europeia.

Outro exemplo importante para o comércio da carne brasileira foi a Argélia, que mais de 80% do seu consumo foi suprido pelo Brasil.

Ao analisar a Argentina, percebe-se que a Argentina aumentou significativamente suas exportações, visto que a carne bovina do seu país tem grande prestígio na Europa.

#### **4.2.2 Período de 2010 a 2013**

As exportações brasileiras aumentaram de forma significativa em 2010, visto que se reiniciou o crescimento após a crise econômica mundial de 2008, e foi crescendo a cada ano. Já a Argentina, que era um grande exportador do produto, diminuiu suas exportações, pois foi uma das formas de conter a inflação no país (ABIEC, 2009).

Com isso, a Argentina deixou de exportar mais de 5 bilhões de dólares em carne bovina, devido à intervenções do governo no setor, pois se a Argentina tivesse mantido seu mercado dos anos anteriores as exportações do país platino seria em torno dos 2,5 bilhões/ano, isso que dizer que o país deixou de arrecadar cerca de 1,4 bilhão por ano, que num montante de quatro anos, passaria tranquilamente dos U\$ 5 bi.

A Tabela 10 apresenta os indicadores do modelo *Constant Market Share* para o período II. E a tabela dos cálculos está explicitada no Anexo I.

**Tabela 10 – Análise CMS período de 2010 a 2013.**

| <b>Indicador</b>   | <b>Brasil</b> | <b>Argentina</b> |
|--|---------------|------------------|
| Crescimento das exportações do país de carne bovina no período | 38,78%        | -5,33%           |
| Efeito Crescimento do Comércio Mundial                         | 265,27%       | -43,26%          |
| Efeito Destino das Exportações                                 | -272,32%      | 45,49%           |
| Efeito Competitividade   | 43,21%        | 8,09%            |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

O Brasil bateu o seu recorde na exportação de carne no ano de 2013, mantendo o seu posto de maior exportador mundial de carne bovina. De acordo com o efeito crescimento do comércio mundial, o Brasil contribuiu de maneira positiva para que ocorresse o aumento nas importações mundiais do produto. Contudo, é possível verificar que a Argentina tem decrescido no comércio internacional da carne, para que consiga atender a sua demanda interna.

O principal importador argentino é a Alemanha, mesmo com a exportação do país em baixa. A desaceleração foi ocasionada por vários fatores externos e internos, como a desvalorização da taxa de câmbio real, medidas não muito boas para o mercado prejudicando os empresários do setor, além do impacto do câmbio exterior que foi negativo (BEEFPOINT, 2012).

De acordo com a Minerva Foods (2013), o Brasil possui vantagens competitivas, como um dos líderes no mundo no setor agropecuário, principalmente na produção de carne bovina.

Contudo, o Brasil teve efeito negativo em se falando de destino de exportações, pois os parceiros comerciais do país aumentaram suas demandas em uma taxa maior do que o crescimento efetivo brasileiro no mercado.

A Argentina é o sexto principal produtor de carne bovina do mundo, de acordo com a USDA, porém tem deixado de ser um dos principais exportadores mundiais, visto que tem atendido prioritariamente sua demanda interna.

Ademais, a Argentina contribui negativamente para o crescimento do mercado internacional da carne vermelha.

## 5. ANEXO I

| <b>BRASIL 2006 - 2009</b>   |  |  |   |  |                         |
|---|--|--|---|--|-------------------------|
| <b>Efeito CRESCIMENTO comércio mundial</b>                        |  |  |   |  |                         |
| Diferença das exportações brasileiras (Período II -<br>Período I) |  |  |   | <b>rV</b>  |                         |
| Período II  |  | Período I  |   | <b>-13,595%</b>  |                         |
| 3022565838  |  | 3134506032   | -111940194  | <b>Crescimento<br/>=&gt;</b>                                   | -3,571222797            |
| Diferença das exportações mundias (Período II -<br>Período I)     |  |  |   |  |                         |
| Período II  |  | Período I  |   |  |                         |
| 27190023907   |  | 23092450344  | 17,74421294   |  |                         |
| <b>Efeito destino das exportações</b>                             |  |  |   |  |                         |
|   | QUADRO I -<br>EXPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DO BRASIL | Percentual<br>das<br>exportações<br>mundiais<br>(QUADRO<br>I)rjk | QUADRO II -<br>EXPORTAÇÕES<br>BRASILEIRAS<br>período I (Vijk) | Percentual das<br>exportações<br>mundiais<br>(QUADRO II)<br>rk | $\sum jk(rjk - rk)Vijk$ |
| Rússia  | 536.977  | 0,002325336  | 743.187.546   | 3,218313929  | -2.390.082.671          |
| Irã   | 185.638.000  | 0,803890437  | 107.781.435   | 0,466738841  | 36338682,88             |
| China   | 63.030.599   | 0,272948942  | 119.270   | 0,000516489  | 32493,01871             |
| Egito   | 436025158  | 1,888171898  | 364.185.362   | 1,577075436  | 113296777,6             |
| Venezuela   | 673.000  | 0,002914372  | 33.723.745  | 0,146037967  | -4826663,606            |
| Argélia   | 2130226400   | 9,224774194  | 101.707.345   | 0,440435482  | 893431767,9             |
| Líbano  | 190.776.629  | 0,826142857  | 43.017.111  | 0,186282141  | 27524959,42             |
| Itália  | 3.134.506.032  | 13,57372641  | 232.563.455   | 1,007097348  | 2922538673              |
| Holanda   | 449.821.720  | 1,947916801  | 253.562.006   | 1,098029885  | 215499031,2             |
| Líbia   | 16960  | 7,34439E-05  | 37.964.780  | 0,164403428  | -6238751,697            |
| Demais<br>países  | 16.501.198.869   | 71,4571153   | 1.216.693.977   | 5,268795467  | 80530930094             |
| <b>TOTAL</b>  | <b>23.092.450.344</b>  | <b>100</b>   | <b>3.134.506.032</b>  | <b>13,57372641</b>   | <b>82.338.444.393</b>   |

| Diferença das exportações brasileiras (Período II -<br>Período I) |  |  |                   |             |   |                           | rjk         |
|---|--|--|-------------------|-------------|---|---------------------------|-------------|
| Período II  | Período I  |  |                   |             |   |                           |             |
| 302256583<br>8  | 3134506032   | -111940194   |                   |             |   |                           | 3,218313929 |
| Efeito destino das importações =>                                 |  |  |                   |             |   |                           | 0,464367884 |
|   |  |  |                   |             |   |                           | 1,577075436 |
| -111940194  | 77.785.259.849   |  |                   |             |   |                           | 0,146037967 |
| Efeito Competitividade  |  |  |                   |             |   |                           | 0,186282141 |
|   |  |  |                   |             |   |                           | 1,007097348 |
|   |  |  |                   |             |   |                           | 1,098029885 |
| -111940194  | -4.665.124.739   |  |                   |             |   |                           | 0,164403428 |
|   |  |  |                   |             |   |                           | 5,268795467 |
|   | QUADRO III -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORE<br>S DO BRASIL<br>PERÍODO I | QUADRO IV -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORE<br>S DO BRASIL<br>PERÍODO II | rij x Vij         | rjk         | Total das<br>Importações<br>brasileiras no<br>Período I | $\sum(jk(rijk-rjk))/Vijk$ |             |
| Rússia  | 1.597.072.891  | 2.314.523.512  | 333861008,7       | 23,70987768 | 743.187.546   | -2,48121E+17              |             |
| Irã   | 9.996.844  | 347.191.963  | 3617017073        | 3,421078853 | 107.233.923   | -3,87867E+17              |             |
| China   | 8.450.298  | 44.046.228   | 502411,4618       | 0,003805065 | 119.270   | -59922614599              |             |
| Egito   | 409.612.390  | 407.837.089  | 1578415,725       | 11,61858865 | 364.185.362   | 5,7484E+14                |             |
| Venezuela   | 81.223.203   | 868.722.999  | 326968665,7       | 1,075887067 | 33.723.745  | -1,10266E+16              |             |
| Argélia   | 145.020.062  | 172.026.877  | 18940768,7        | 3,244764692 | 101.707.345   | -1,92641E+15              |             |
| Líbano  | 69.685.949   | 153.234.459  | 51574464,87       | 1,372372889 | 43.017.111  | -2,21858E+15              |             |
| Itália  | 2.563.252.157  | 2.834.855.962  | 24642569,44       | 7,419461077 | 232.563.455   | -5,73096E+15              |             |
| Holanda   | 1.087.253.356  | 1.435.286.944  | 81166081,71       | 8,089376872 | 253.562.006   | -2,05806E+16              |             |
| Líbia   | 392.263.367  | 41.246.033   | 33972827,91       | 1,211188609 | 37.964.780  | 1,28977E+15               |             |
| Demais<br>países  | 16.728.619.827   | 18.571.051.841   | 134062744,6       | 38,83359855 | 1.217.241.489   | -1,63187E+17              |             |
| <b>TOTAL</b>  | <b>23.092.450.344</b>  | <b>27.190.023.907</b>  | <b>4553184545</b> | <b>100</b>  | <b>3.134.506.032</b>                                    | <b>-8,38794E+17</b>       |             |

| ARGENTINA 2006 - 2009   |  |  |  |  |                                  |
|---|--|--|--|--|----------------------------------|
| Efeito CRESCIMENTO comércio mundial                           |  |  |  |  |                                  |
| Diferença das exportações argentinas (Período II - Período I) |  |  |  | rV   |                                  |
| Período II  |  | Período I  |  | 735,80%  |                                  |
| 1.530.141.406   |  | 1116091338   |  | 414.050.068  |                                  |
|   |  |  |  | Crescimento =>                                     |                                  |
| Diferença das exportações mundias (Período II - Período I)    |  |  |  | 5627212564   |                                  |
| Período II  |  | Período I  |  | 5627212564   |                                  |
| 27.190.023.907  |  | 2309245034   |  | 4  |                                  |
| Efeito destino das exportações                                |  |  |  |  |                                  |
|   | QUADRO I - EXPORTAÇÕES TOTAIS DOS PAÍSES IMPORTADORES DA ARGENTINA | Percentual das exportações mundiais (QUADRO I) rjk | QUADRO II - esportações argentinas PERÍODO I | Percentual das exportações mundiais (QUADRO II) rk | $\sum_{jk}(r_{jk} - r_k)V_{ijk}$ |
| Rússia  | 536.977  | 0,002325336  | 392.884.416                                  | 1,701354383  | -667522034,9                     |
| Alemanha  | 185.638.000  | 0,803890437  | 242.277.559                                  | 1,049163495  | -59424157,65                     |
| Chile   | 63.030.599   | 0,272948942  | 90.675.638                                   | 0,392663562  | -10855199,48                     |
| Itália  | 436025158  | 1,888171898  | 80.258.358                                   | 0,347552368  | 123647593,8                      |
| Israel  | 673.000  | 0,002914372  | 60.866.981                                   | 0,263579569  | -15865903,55                     |
| Holanda   | 2130226400   | 9,224774194  | 50.792.394                                   | 0,219952379  | 457376457,5                      |
| Reino Unido   | 190.776.629  | 0,826142857  | 35.499.994                                   | 0,15372987   | 23870656,98                      |
| Brasil  | 3.134.506.032  | 13,57372641  | 32.917.000                                   | 0,142544423  | 442114217,6                      |
| Espanha   | 449.821.720  | 1,947916801  | 28.687.471                                   | 0,124228787  | 52316997,01                      |
| Venezuela   | 16960  | 7,34439E-05  | 26.940.884                                   | 0,116665333  | -3141088,548                     |
| Demais países   | 16.501.198.869   | 71,4571153   | 74.290.643                                   | 0,321709658  | 5284695026                       |
| TOTAL   | 23.092.450.344   | 100  | 1.116.091.338                                | 4,833143826  | 5627212564                       |

| Diferença das exportações argentinas (Período II -<br>Período I) |            |             |
|--|------------|-------------|
| Período II   | Período I  |             |
| 1.530.141.406  | 1116091338 | 414.050.068 |
| Efeito destino das importações =>                                |            |             |
| 414.050.068  | 5015324206 |             |

**825,57%**

| Efeito Competitividade |   |             |
|------------------------|---|-------------|
| 414.050.068            | - | 197.838.290 |

=> **-209,2871244**

|                      | QUADRO III -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADOR<br>ES DA<br>ARGENTINA<br>PERÍODO I | QUADRO IV -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DA ARGENTINA<br>PERÍODO II | rij                | rij x Vij        | rijk        | Total das<br>Importações<br>argentinas no<br>Período I | $\sum_{jk}(rijk-rjk) \cdot Vij$ |
|----------------------|--|--|--------------------|------------------|-------------|--|---------------------------------|
| <b>Rússia</b>        | 1.597.072.891  | 2.314.523.512  | 0,449228476        | 176494867,5      | 35,20181571 | 392.884.416  | -6,93421                        |
| <b>Alemanha</b>      | 1.233.521.000  | 1.569.623.000  | 0,272473675        | 66014256,86      | 21,70768205 | 242.277.559  | -1,59938                        |
| <b>Chile</b>         | 330.213.021  | 468.057.815  | 0,417442031        | 37851822,45      | 8,124392235 | 90.675.638   | -3,43224                        |
| <b>Itália</b>        | 2.563.252.157  | 2.834.855.962  | 0,105960627        | 8504225,913      | 7,191020597 | 80.258.358   | -6,82535                        |
| <b>Israel</b>        | 211.109.000  | 253.954.000  | 0,20295203         | 12353077,32      | 5,453584212 | 60.866.981   | -7,51894                        |
| <b>Holanda</b>       | 1.087.253.356  | 1.435.286.944  | 0,320103485        | 16258822,32      | 4,550917319 | 50.792.394   | -8,25824                        |
| <b>Reino Unido</b>   | 1.237.747.178  | 1.217.429.535  | -                  | -582733,063      | 3,180742722 | 35.499.994   | 2,06871                         |
| <b>Brasil</b>        | 65.784.430   | 118.221.099  | 0,797098478        | 26238090,59      | 2,949310588 | 32.917.000   | -8,63679                        |
| <b>Espanha</b>       | 749.978.871  | 748.721.432  | -                  | -48098,3482      | 2,570351549 | 28.687.471   | 1,37989                         |
| <b>Venezuela</b>     | 81.223.203   | 868.722.999  | 9,695502848        | 261205417,5      | 2,413860146 | 26.940.884   | -7,0371                         |
| <b>Demais países</b> | 13.935.295.237   | 15.360.627.609   | 0,10228218         | 7598608,899      | 6,656322872 | 74.290.643   | -5,64505                        |
| <b>TOTAL</b>         | <b>23.092.450.344</b>  | <b>27190023907</b>   | <b>12,34495218</b> | <b>611888358</b> | <b>100</b>  | <b>1.116.091.338</b>                                   | <b>-9,94715</b>                 |



| <b>BRASIL 2010 - 2013</b>                                      |  |  |   |  |                         |
|--|--|--|---|--|-------------------------|
| <b>Efeito CRESCIMENTO comércio mundial</b>                     |  |  |   |  |                         |
| Diferença das exportações brasileiras (Período II - Período I) |  |  | <b>rV</b>   |  |                         |
| Período II   | Período I  |  | <b>265,27%</b>  |  |                         |
| 5358664288   | 3861061382   | 1497602906   | <b>Crescimento =&gt;</b>                                      | <b>38,78733741</b>   |                         |
| Diferença das exportações mundias (Período II - Período I)     |  |  |   |  |                         |
| Período II   | Período I  |  |   |  |                         |
|  |  |  |   |  |                         |
| <b>Efeito destino das exportações</b>                          |  |  |   |  |                         |
|  | QUADRO I -<br>EXPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DO BRASIL | Percentual das<br>exportações<br>mundiais<br>(QUADRO I)rjk | QUADRO II -<br>EXPORTAÇÕES<br>BRASILEIRAS<br>período I (Vijk) | Percentual das<br>exportações<br>mundiais<br>(QUADRO II)<br>rk | $\sum jk(rjk - rk)Vijk$ |
| Rússia   | 5923   | 1,97519  | 1.024.246.000   | 3,415642517  | -3498437955             |
| Irã  | 0  | 0  | 780.824.485   | 2,603883549  | -2033176031             |
| Egito  | 317884   | 0,001060076  | 409.777.000   | 1,366519121  | -559533711,3            |
| Hong Kong  | 84487551   | 0,281748009  | 236.171.000   | 0,787580043  | -119462857,3            |
| Venezuela  | 0  | 0  | 186.150.000   | 0,620770649  | -115556456,4            |
| Itália   | 607456211  | 2,025737236  | 141.935.000   | 0,47332303   | 220341910,3             |
| Arábia Saudita   | 42006453   | 0,140082585  | 121.903.000   | 0,406520572  | -32479589,98            |
| Argélia  | 0  | 0  | 102.369.000   | 0,341378838  | -34946610,22            |
| Israel   | 12000  | 4,00174E-05  | 102.285.000   | 0,341098715  | -34885188,92            |
| Líbano   | 236833   | 0,000789788  | 97.914.000  | 0,32652236   | -31893779,11            |
| Demais Países  | 29252397466  | 97,55052254  | 657.486.897   | 2,192578931  | 62696598446             |
| <b>TOTAL</b>   | <b>29986920321</b>   | <b>100</b>   | <b>3.861.061.382</b>  | <b>12,87581833</b>   | <b>56456568178</b>      |

|  |              |                 |
|--|--------------|-----------------|
| Diferença das exportações brasileiras (Período II - Período I) |              |                 |
| Período II   | Período I    |                 |
| 5358664288   | 3861061382   | 1497602906      |
| Efeito destino das importações =>                              |              | <b>-272,32%</b> |
| 1497602906   | -54993622407 |                 |

|                        |             |                    |
|------------------------|-------------|--------------------|
| Efeito Competitividade |             | <b>4321,196476</b> |
| 1497602906             | 34657135,22 |                    |

|               | QUADRO III -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DO BRASIL<br>PERÍODO I | QUADRO IV -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DO BRASIL<br>PERÍODO II | rij                | Total das<br>Importações<br>brasileiras no<br>Período I | rij x Vij         |
|---------------|---|---|--------------------|---|-------------------|
| Rússia        | 2.170.265.988   | 2.779.568.061   | 0,280749952        | 1.024.246.000   | 287557015,8       |
| Irã           | 807.321.000   | 414.353.500   | -0,486754959       | 780.824.485   | -380070189,9      |
| China         | 729.949.697   | 834.826.952   | 0,143677373        | 409.777.000   | 58875682,94       |
| Egito         | 524.303.978   | 2.079.990.711   | 2,967146538        | 236.171.000   | 700753964,9       |
| Venezuela     | 224.313.437   | 1.085.576.017   | 3,839549657        | 186.150.000   | 714732168,6       |
| Argélia       | 2.765.855.205   | 2.020.765.325   | -0,269388607       | 141.935.000   | -38235671,89      |
| Líbano        | 360.667.651   | 447.355.866   | 0,240354838        | 121.903.000   | 29299975,87       |
| Itália        | 165.807.785   | 236.488.779   | 0,426282722        | 102.369.000   | 43638136,02       |
| Holanda       | 361.266.000   | 319.641.061   | -0,115219641       | 102.285.000   | -11785241,03      |
| Líbia         | 163.818.819   | 122.386.302   | -0,252916712       | 97.914.000  | -24764086,9       |
| Demais países | 21.713.350.761  | 24.452.557.472  | 0,126153109        | 657.486.897   | 82944016,36       |
| <b>TOTAL</b>  | <b>29.986.920.321</b>   | <b>34.793.510.046</b>   | <b>6,899634272</b> | <b>3.861.061.382</b>                                    | <b>1462945771</b> |

| <b>ARGENTINA 2010 - 2013</b>                                     |   |   |  |   |                                  |
|--|---|---|--|---|----------------------------------|
| <b>Efeito CRESCIMENTO comércio mundial</b>                       |   |   |  |   |                                  |
| Diferença das exportações argentinas (Período II -<br>Período I) |   |   | <b>rV</b>  |   |                                  |
| Período II   | Período I   |   | <b>-43,26%</b>                                       |   |                                  |
| 993.111.310  | 1049014662  | -55.903.352   | <b>Crescimento<br/>=&gt;</b>                         | <b>-5,329129709</b>   |                                  |
| Diferença das exportações mundias (Período II - Período I)       |   |   |  |   |                                  |
| Período II   | Período I   |   |  |   |                                  |
|  |   |   |  |   |                                  |
| <b>Efeito destino das exportações</b>                            |   |   |  |   |                                  |
|  | QUADRO I -<br>EXPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DA ARGENTINA | Percentual das<br>exportações<br>mundiais<br>(QUADRO I) r <sub>jk</sub> | QUADRO II-<br>esportações<br>argentinas<br>PERÍODO I | Percentual das<br>exportações<br>mundiais<br>(QUADRO II) r <sub>k</sub> | $\sum_{jk}(r_{jk} - r_k)V_{ijk}$ |
| Alemanha   | 1935389501  | 6,454112261   | 323.754.968  | 1,079653944   | 1740007580                       |
| Israel   | 12000   | 4,00174E-05   | 137.015.623  | 0,456917955   | -62599415,2                      |
| Holanda  | 2385895752  | 7,956454769   | 106.730.941  | 0,355924983   | 811211696,2                      |
| Itália   | 607456211   | 2,025737236   | 91.195.744   | 0,304118406   | 157004310,2                      |
| Rússia   | 5923  | 1,97519E-05   | 90.698.035   | 0,302458652   | -27430613,95                     |
| Brasil   | 3861061382  | 12,87581833   | 69.058.402   | 0,23029508  | 873279627,8                      |
| Venezuela  | 0   | 0   | 59.699.271   | 0,199084369   | -11885191,68                     |
| Espanha  | 468244763   | 1,561496673   | 13.060.169   | 0,043552885   | 19824602,39                      |
| China  | 109085974   | 0,363778517   | 12.245.878   | 0,040837398   | 3954697,543                      |
| Marrocos   | 180276  | 0,000601182   | 7.637.621  | 0,025469841   | -189937,3933                     |
| Demais Países  | 20619588539   | 68,76194127   | 137.918.010  | 0,459927223   | 9420077856                       |
| <b>TOTAL</b>   | <b>29986920321</b>  | <b>100</b>  | <b>1.049.014.662</b>                                 | <b>3,498240736</b>  | <b>12923255212</b>               |

|   |             |                |
|---|-------------|----------------|
| Diferença das exportações argentinas (Período II - Período I) |             |                |
| Período II  | Período I   |                |
| 993.111.310   | 1049014662  | -55.903.352    |
| Efeito destino das importações =>                             |             | <b>-45,49%</b> |
| -55.903.352   | 12288695556 |                |

|                        |              |                   |
|------------------------|--------------|-------------------|
| Efeito Competitividade |              | <b>8,09650211</b> |
| -55.903.352            | -690.463.008 |                   |

|               | QUADRO III -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DA ARGENTINA<br>PERÍODO I | QUADRO IV -<br>IMPORTAÇÕES<br>TOTAIS DOS<br>PAÍSES<br>IMPORTADORES<br>DA ARGENTINA<br>PERÍODO II | rij                | Total das<br>Importações<br>argentinas no<br>Período I | rij x Vij          |
|---------------|--|--|--------------------|--|--------------------|
| Alemanha      | 1.710.291.631  | 2.161.406.485  | 0,263764873        | 323.754.968  | 85395187,86        |
| Israel        | 361.266.000  | 477.355.000  | 0,321339401        | 137.015.623  | 44028518,21        |
| Holanda       | 1.418.751.724  | 1.969.444.584  | 0,388153086        | 106.730.941  | 41427944,13        |
| Itália        | 2.765.855.205  | 2.020.765.325  | -0,269388607       | 91.195.744   | -24567094,41       |
| Rússia        | 2.170.265.988  | 2.779.568.061  | 0,280749952        | 90.698.035   | 25463469,02        |
| Brasil        | 160.729.755  | 276.702.534  | 0,721538952        | 69.058.402   | 49828327,02        |
| Venezuela     | 224.313.437  | 1.085.576.017  | 3,839549657        | 59.699.271   | 229218315,5        |
| Espanha       | 751.349.453  | 760.913.838  | 0,012729609        | 13.060.169   | 166250,849         |
| China         | 84.221.278   | 1.270.145.097  | 14,08104754        | 12.245.878   | 172434790,2        |
| Marrocos      | 21.989.651   | 54132030   | 1,461704827        | 7.637.621  | 11163947,48        |
| Demais países | 20.317.886.199   | 21.937.501.075   | 0,079713749        | 137.918.010  | 10993961,6         |
| <b>Total</b>  | <b>29.986.920.321</b>  | <b>34.793.510.046</b>  | <b>21,18090303</b> | <b>1.049.014.662</b>                                   | <b>634559655,8</b> |

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do modelo *Constant Market Share* permitiu analisar os comportamentos de Brasil e Argentina nas exportações de carne bovina. Observa-se que o Brasil é um importante fornecedor mundial e que tem se mostrado competitivo no setor. O modelo permite verificar apenas os indicadores; contudo, como foram utilizados apenas dados do comércio mundial da carne, o modelo não identifica porque esses números aconteceram, conforme a divisão em dois períodos.

Conforme Florindo *et. al* (2014), as dificuldades sanitárias como as ocorrências de BSE e febre aftosa, os Estados Unidos e o Brasil sofreram restrições sanitárias para importação.

Porém, a criação de gado no Brasil é predominantemente extensiva. O gado brasileiro alimenta-se principalmente de pastagens e ração de origem vegetal. Este fato é considerado como um importante eliminador do risco de ocorrência de BSE no gado brasileiro. O mesmo não ocorre na maioria dos principais produtores da carne bovina, incluindo a União Europeia e os Estados Unidos, onde o gado bovino é criado principalmente em confinamentos (MINERVA FOODS, 2013).

Analisando o mercado argentino, o país tem perdido relativa importância no cenário internacional, porém o volume de cabeças de gado tem-se mantido dentro da média anual dos anos anteriores. Como o governo interfere diretamente no setor, através das restrições, o país tem deixado de arrecadar capital externo, ou seja, tem entrado menos dólares do exterior, tal fato que contribuiria para sua balança comercial.

Em setembro de 2013, as exportações argentinas voltaram a crescer, fato que não acontecia desde 2009. O ano de 2013 foi um ano de recuperação para a Argentina, visto que as exportações e a produção sofreram queda nos dois anos anteriores. A produção de carne aumentou e os abates cresceram 9 % no ano de 2013 (RABOBANK, 2014)

O Brasil tem sido um dos principais fornecedores de alimentos no mundo, não só por causa da carne bovina, mas o país tem se destacado em vários produtos agroindustriais no comércio internacional.

O país tem investido de maneira notável, principalmente pelos produtores, em genética animal, investido também em tecnologia na produção da carne, além da questão sanitária,

assim contribuindo para que consumidores tenham confiabilidade sintam em consumir a carne bovina brasileira.

Em 2014 o Brasil bateu a meta que era de US\$ 6 bilhões em exportação de carne bovina. Foi um ano em que o Brasil não começou bem no mercado da carne bovina porém se recuperou notavelmente. A carne bovina representou para as exportações brasileiras cerca de 2,5% do total de exportações, e o país tem crescido a cada ano neste setor (ABIEC, 2014).

Falando sobre o país vizinho platino, a produção teve certa recuperação em no ano de 2013, porém com menos alternativas de exportação, a maioria da produção foi vendida domesticamente. Nesse ano, o consumo per capita argentino foi de 60 quilos per capita. A Argentina tem capacidade de absorver a maior parte da produção, mas com preços baixos, (no segundo semestre de 2014, o preço caiu 11%, conforme dados de 2014 do RABOBANK<sup>4</sup> ) fazendo com que os produtores percam o ânimo de exercer a atividade. As indústrias exportadoras argentinas. As indústrias frigoríficas da Argentina têm encontrado dificuldades para competir em muitos mercados em decorrência das cotas que o governo impõe para a exportação, além da alta taxa de câmbio, fazendo com que o país venha diminuindo sua competitividade.

No caso brasileiro, o Brasil vem batendo recordes em exportação, devido ao aumento da demanda pela carne brasileira no mundo, e a sua competitividade vem aumentando. O Brasil foi o principal exportador mundial de carne bovina, sendo que competiu mercados com outros grandes exportadores do setor, que estão entre os principais no mundo da carne bovina, sendo eles: Índia, Estados Unidos, Austrália e Uruguai. Este crescimento nas exportações trouxe consequências ao mercado interno, com uma oferta menor ao mercado consumidor, com preços cada vez maiores, proporcionando um aumento com os gastos na alimentação, refletindo no aumento do custo de vida dos brasileiros.

---

<sup>4</sup> RABOBANK: Banco com sede em Utrecht, na Holanda, presente em 45 países, é um banco comercial especializado em agronegócios.

## 7. REFERÊNCIAS

ABIEC. Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. **Pecuária Brasileira**. Disponível em: <[http://www.abiec.com.br/3\\_pecuaria.asp](http://www.abiec.com.br/3_pecuaria.asp)>. Acessado em 10/12/2014.

ABIEC. Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. **Mercado Mundial**. Disponível em: <[http://www.abiec.com.br/download/stat\\_mercadomundial.pdf](http://www.abiec.com.br/download/stat_mercadomundial.pdf)>. Acessado em: 18/12/2014.

ABIEC. Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. **Exportações de carne bovina argentina crescem 54%**. Disponível em: <<http://www.abiec.com.br/noticia.asp?id=361#.VQIF1fnF9DA>>. Acessado em: 12/03/2015.

BATALHA, O. B. Gestão Agroindustrial. Volume I. 3ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2013.

BEEFPOINT. Rabobank: Apesar de aumento em 2012, produção de carne bovina argentina continua baixa com relação a padrões históricos. 2012. Disponível em <<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/rabobank-argentina-continua-com-baixa-producao-de-carne-bovina-25-menor-com-relacao-a-2009/>> Acessado em 09/03/2015.

BLISKA, F. M. M. Impactos de alterações nas exportações brasileiras de carnes sobre a economia brasileira. Piracicaba: 1999. 217p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo.

BORGES, A. B.; MEZZADRI, F. P. **Análise da conjuntura agropecuária – safra 2009/2010**. Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado do Paraná. Disponível em <[www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/bovino\\_corte\\_2009\\_10.pdf](http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/bovino_corte_2009_10.pdf)> Acessado em 01/04/2015.

CALDARELLI, C. E. ; CAMARA, M. R. G. ; BACCHI, M. R. P. . Análise da interdependência dos mercados de soja e milho no Brasil e Paraná: uma aplicação da metodologia VEC. In Anais do XLVII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009.

CANUTO, O.; XAVIER, C. L. Padrões de especialização e competitividade no comércio exterior: uma análise estrutural-diferencial. Textos para discussão IE/ UNICAMP, Campinas, v. 35, n. 86, p. 4-19, set. 1999.

CARVALHO, M. A.; SILVA, C.R. L. Economia Internacional. 4ª ed. São Paulo. Editora Saraiva, 2007.

CARVALHO, F. de. **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. Piracicaba: ESALQ, 1995.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. PIB Análise 2013. PIB Agro CEPEA-USP/CNA. Disponível em <<http://cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em 14/05/2015.

CORONEL, D. A. ; MACHADO, J. A. D. ; CARVALHO, F. M. A. Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 A 2006: uma abordagem de Marke-Share. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 13, n. 2, p. 281-308, 2009.

COUTINHO, E.; PEIXOTO, F. V.; FILHO, P. Z. R.; AMARAL, H. F. De Smith a Portes: um ensaio sobre as teorias do comércio exterior. *Revista de Gestão USP*, São Paulo, p. 101-113. Out. 2005.

FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION. Banco de dados. Disponível em: <<http://fao.com>>. Acesso em: 20/11/2014. <<http://comtrade.un.org/data/>> Acesso em 10/02/2015.

FARINA, E. M. M. Q.; NUNES, R. Desempenho no comércio exterior e governança dos sistemas agroindustriais das carnes de suínos e de bovinos. In: XXXI Encontro Nacional de Economia - ANPEC, 2003, Porto Seguro - BA, 2003.

FÉLIX, Jorge. **Notícias**. Poder econômico. Produção de carne na Argentina está no limite. 2012. Disponível em: <<http://podereconomico.ig.com.br/index.php/2012/06/14/producao-de-carne-na-argentina-esta-no-limite/>> Acesso em 10/05/2015.

FLORINDO, T. J; FLORINDO, G. I. D.B; COSTA, J. S. Competitividade dos principais exportadores de carne bovina no período de 2002 a 2013, 2014.

GONÇALVES, REINALDO. A teoria do comércio internacional: uma resenha. 1998. Disponível em <[texto\\_no.\\_3\\_comercio\\_internacioal.pdf](#)> acessado em 23/02/2015.

KRUGMAN, P. OBSTFELD, M. Economia Internacional. 8ª ed. São Paulo. Editora Pearson Prentice Hall, 2010.

GRAMS, Júlia Caroline *et al.* Competitividade das Exportações da Indústria Automobilística Brasileira: Uma Análise Constant Market Share. **Desenvolvimento em Questão**, v. 11, n. 23, p. 247-270, 2013.

KUPFER, DAVID. Padrões de concorrência e competitividade. 1992. Disponível em <[1992-2\\_Kupfer Concorrência.pdf](#)> acessado em 28/02/2015.

LIMA, C. E.; MARTINS, T. C.; SOLDADO, G. V.; SILVA, R. S. Caracterização das exportações e da competitividade internacional do complexo de carnes brasileiro. Apec Unesc, 2012.



LEAMER, Edward E.; STERN, Robert Mitchell. Quantitative international economics. **Transaction Publishers**, 2006.

MACHADO, Lenilma Vera Nunes *et al.* Análise do desempenho das exportações brasileiras de carne bovina: uma aplicação do método Constant-Market-Share, 1995-2003. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, v. 4, n. 2, p. 195-218, 2006.

MENDES, J. T. G.; PADILHA JUNIOR, J. B. Agronegócio, uma abordagem econômica. São Paulo. Editora Prentice Hall. 2007

MINERVA FOODS. **Mercado Brasileiro**. Disponível em <[http://www.mzweb.com.br/minerva2012/web/conteudo\\_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=40369](http://www.mzweb.com.br/minerva2012/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=40369)> Acessado em 12/03/2015.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA. **Mercado interno**. 2011. Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br/animal/mercado-interno>> Acesso em 08/03/2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Alice web: dados das exportações brasileiras por destino. Disponível em: <<http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 20/01/2015.

PALAU, HERNÁN. Cenário do mercado da carne bovina segundo Hernán Palau. Disponível em: <<http://sites.beefpoint.com.br/colunistasinternacionais/2014/01/21/veja-o-cenario-do-mercado-da-carne-na-argentina-por-hernan-palau/>>. Acesso em 13/05/2015.

RABOBANK. **Notícias**. Argentina continua com baixa produção de carne bovina 25 menor com relação a 2009. Disponível em <<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-productiva/rabobank-argentina-continua-com-baixa-producao-de-carne-bovina-25-menor-com-relacao-a-2009/>> Acesso em 29/04/2015.

RABOBANK. **Notícias**. Relatório trimestral sobre o mercado de carne bovina do Rabobank – primeiro trimestre de 2014. Disponível em <<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-productiva/giro-do-boi/relatorio-trimestral-sobre-o-mercado-de-carne-bovina-do-rabobank-primeiro-trimestre-de-2014/>> Acesso em 16/05/2015.

SCOT CONSULTORIA. **Notícias**. Disponível em: <<http://www.scotconsultoria.com.br/noticias/?ref=mnp>>. Acessado em: 04/03/2015.

SCOT CONSULTORIA. **Notícias**. Disponível em: <<https://www.scotconsultoria.com.br/noticias/artigos/21227/cota-hilton.htm>> Acessado em 06/03/2015.

SCOT CONSULTORIA. **Notícias.** Disponível em: <  
<https://www.scotconsultoria.com.br/noticias/todas-noticias/2158/argentina-fixa-preco-maximo-para-carne-bovina.htm>> Acesso em 15/05/2015.

SILVA, SORAYA SOUZA. **Ideias mercantilistas e a teoria do comércio internacional.** Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/ideias-mercantilistas-e-a-teoria-do-comercio-internacional/20756/>> Acessado em 28/03/2015.

SOUZA, F. P. **O mercado da carne bovina no Brasil.** Rev. Acad., Ciênc. Agrár. Ambient., Curitiba, v. 6, n. 3, p. 427-434, jul./set. 2008.

SPINETTO, J. P.; GONZÁLES, P. **Uol Notícias. Carne bovina fica para os argentinos, e Europa consumo produto uruguaio.** Disponível em <  
<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/09/10/carne-bovina-fica-para-os-argentinos-e-europa-consome-produto-uruguaio.htm>> Acessado em 05/04/2015.

TAPIAS, B. A. **Carne bovina, o mercado na Argentina.** Disponível em <  
[http://www.agroanalysis.com.br/materia\\_detalhe.php?idMateria=1303](http://www.agroanalysis.com.br/materia_detalhe.php?idMateria=1303)>. Acessado entre 03/03/2015 a 09/03/2015.

THOMÉ, K. M.; CARVALHO, J. M. Comércio internacional de carne bovina: características institucionais que envolvem Brasil e Rússia.

UNIEC. União Nacional da Indústria e das Empresas da Carne. **Notícias.** Argentina diversifica oferta de carne bovina para atender mercado russo. 2013. Disponível em <  
<http://www.uniec.com.br/es/noticias/60-argentina-diversifica-oferta-de-carne-bovina-para-atender-mercado-russo>> Acesso em 15/05/2015.

UNITE D STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. USDA. **Agricultural baseline projections to 2014.** Disponível em: <<http://www.usda.gov>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

VILA, FRANCISCO. Carne bovina, a posição sul do continente. VI Jornada NESPRO. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011. Disponível em <  
[carne\\_bov\\_pos\\_sul\\_cont\\_poa\\_rs\\_set\\_2011.pdf](#)>. Acesso em 12/05/2015.

WOLFSEEDS. **Notícias.** Disponível em < <http://www.wolfseeds.com/novidades/noticias/de-olho-no-brasil-na-producao-e-no-consumo-mundial-de-carne-bovina/>> acessado em 08/03/2015.